



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Seminário sobre as oportunidades de investimento no Brasil oferecidas pelo Programa de Aceleração do Crescimento

Roma-Itália, 11 de novembro de 2008

Obs.: Por problemas técnicos não foi possível reproduzir a íntegra deste discurso

...e que não vai parar de fazer. Na dificuldade, vai ter que vir aqui, na Itália, tomar dinheiro emprestado para fazer. Mas são muitos navios, muitas sondas, muitas plataformas que nós precisamos construir até 2014. Até 2010 estavam previstos US\$ 112 bilhões.

Afinal de contas, buscar petróleo a 7 mil metros de profundidade é mais difícil do que achar petróleo, do que tirar no Texas, à flor da terra. Mas, de qualquer forma, exatamente por termos investido em tecnologia é que nós vamos buscar esse petróleo lá embaixo, para dar mais garantia e mais solidez não apenas à Petrobras, mas à economia brasileira. Então, isso aqui é um convite à confiança no Brasil e um convite, Emma, que você precisa fazer para que os brasileiros também confiem mais na Itália.

Uma visita em que nós queremos mostrar que somos mais do que parceiros, que nos entendemos, que nós queremos construir uma parceria estratégica com a União Européia, não apenas com o Brasil mas também com o Mercosul, e que enquanto essa parceria estratégica não sai e não se consolida, nós precisamos fazer acordos bilaterais mais fortes.

Eu me lembro de que na década de 60, no Brasil, só se cantava música italiana. Não sei porque parou. Talvez a inglesa tenha ocupado o lugar, as músicas americanas talvez. Mas também, certamente aqui, em algum momento se tocou mais Jobim, mais Vinícius de Moraes, mais Chico Buarque,



não sei o que toca agora. Então, essa proximidade cultural precisa voltar a acontecer entre os dois países. E precisa acontecer muito forte, porque isso engrandece.

Nós já fizemos o Ano Brasil-França, na França. Vamos fazer agora o Ano França no Brasil. Por que não tem o ano Brasil-Itália? Por que não tem uma semana do Brasil em Roma e uma semana da Itália no Brasil, em São Paulo?

Nós, agora, precisamos aproveitar essa crise para termos mais criatividade, mais ousadia e fazermos os investimentos que nós precisamos fazer. Ficar com medo de fazer investimentos neste instante é a gente consolidar a crise na economia real.

No caso do Brasil, quero que vocês acompanhem de perto, nós vamos enfrentar essa crise tentando vencê-la. E vamos tentar vencê-la a partir das próprias condições do povo brasileiro e das parcerias que poderemos construir com países como a Itália, países da América Latina, países da África. Eu acho que se cada país tentar resolver sozinho esse problema é preciso saber qual é a implicação da sua política interna na política com outros países com quem ela tem relação.

Nós vamos sair de Washington convencidos de que as instituições multilaterais precisam ser fortalecidas. Hoje nós temos uma instância de decisão multilateral fragilizada, não representa mais as aspirações do século XXI e nós precisamos, então, constituir coisas mais fortes. Porque o FMI era importante para dar lições aos países do Terceiro Mundo, mas agora você não vê o FMI falar nada. Ou seja, poderia ter dado um conselho aos Estados Unidos, não deu, e certamente não vai dar, porque é uma instituição que já não tem mais a importância que teve no passado.

Então, que instituições nós vamos criar? Que fórum de decisões nós vamos criar? Já não pode ser um G-8 só. O G-8 já não representa mais a economia mundial. Até porque os países emergentes estão gerando muito



mais riquezas do que os chamados “países ricos”.

Como é possível imaginar uma saída global sem a China, sem a Índia, sem o Brasil, sem o México, sem a África do Sul, sem a Argentina, sem tantos países que pesam na economia global? Isso, eu penso que nós vamos consertar com a maturidade necessária, sem permitir que haja, da parte de quem quer que seja, qualquer possibilidade de tomar decisões que sejam quase como se estivéssemos atirando no nosso próprio pé.

Vim aqui para dizer, dentro da Confindustria, a minha convicção de que nós vamos vencer essa crise. E vamos tirar dessa crise ensinamentos para que o mundo nunca mais cometa os erros absurdos que foram cometidos neste momento histórico. Que não se faça da economia mundial um cassino, mas que se faça da economia mundial uma fábrica, uma produção agrícola para gerar riquezas que todos nós queremos para desenvolver o nosso país.

Minha querida presidenta Emma, queria convidar vocês a levarem pequenas e médias empresas italianas, para que a gente possa aprender como é que se desenvolve uma extraordinária região como a Emilia Romana, como se constrói cooperativas e, quem sabe, tirarmos uns ensinamentos para que haja um crescimento similar no Brasil.

Da mesma forma, nós estamos fazendo acordo com o governo italiano para que juntos possamos construir alguma coisa em terceiros países. Já temos um projeto para a construção (inaudível) produção de biocombustíveis em Moçambique. E nós estamos cientes de que se não resolvermos os problemas dos países pobres, a questão da imigração não será resolvida com polícia e não será resolvida com (inaudível). A questão da imigração é uma questão política e, portanto, os países que podem mais precisam ajudar a desenvolver os países que podem menos, porque em vez deles se transformarem em imigrantes, eles vão se transformar em consumidores e comprar parte dos produtos produzidos nos países mais ricos.

É com essa visão de mundo que eu queria pedir aos empresários



(italianos) que não se afastem do Brasil como durante tanto tempo houve um afastamento, acho que longo. E também o Brasil, porque houve um tempo em que na América do Sul a gente pensava que só podiam os Estados Unidos. Olhava para a Europa, olhando para a Alemanha. A África, a gente não via o mapa, para a América do Sul, a gente não enxergava. Eles eram vizinhos nossos, mas a submissão colonial a que a gente foi submetido permitiu que o Brasil perdesse muito tempo. E eu quero dizer para vocês: nós não vamos perder mais tempo.

O Brasil tem condições de ser uma grande potência. O Brasil tem condições de se desenvolver muito mais rapidamente e depende de ação pronta do governo brasileiro e dos empresários brasileiros.

Por isso, Paulo, quero agradecer à coordenação deste evento. Quero agradecer ao ministro Miguel Jorge. E, sobretudo, quero agradecer aos brasileiros que vieram, que também não é pouca coisa vir a Roma uma vez por ano. Mas, sobretudo, agradecer aos empresários italianos e às empresárias que estão aqui.

Eu quero terminar convidando-os para ir ao Brasil procurar nichos de oportunidade para que vocês possam ampliar o mercado, não de produção, mas o mercado de vendas dos produtos de vocês.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no seminário da Confederação Italiana dos Sindicatos dos Trabalhadores (CISL), com a participação da Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL) e da União Italiana do Trabalho (UIL), sobre o tema “Nova economia, nova democracia”

Roma-Itália, 11 de novembro de 2008

Primeiro, gostaria de manifestar a minha alegria e a minha satisfação de poder estar participando deste encontro com trabalhadores e trabalhadoras da Itália, sobretudo quando encontro aqui, não velhos companheiros porque somos todos jovens, mas experientes companheiros que junto comigo, nos anos 80, ajudaram a construir um pouco do sindicalismo que nós temos no Brasil.

Queria começar cumprimentando o Raffaele Bonanni, Secretário-Geral da Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores,

Senhor Guglielmo Epifani, Secretário-Geral da Confederação Italiana do Trabalho,

E o nosso companheiro Luigi Angeletti, Secretário-Geral da União Italiana do Trabalho,

Quero cumprimentar o meu amigo D’Alema,

Cumprimentar o Ministro das Relações Exteriores da Itália, senhor Franco Fratinni,

Os ministros brasileiros que estão aqui me acompanhando, minha ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral, e também sindicalista, velho amigo dos italianos; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Franklin Martins, da Comunicação Social,

Quero cumprimentar (inaudível),



Meus amigos e minhas amigas,

Certamente, não vou fazer aqui um discurso de sindicalista, se bem que eu gostaria porque o público é muito cativante. Eu adotei, como Presidente da República, sempre que posso eu leio o discurso para cumprir com a formalidade, e depois, se sobrar tempo, eu falarei um pouquinho dos meus sentimentos, (inaudível) sentimentos de como eu vejo as coisas além da Presidência.

É com satisfação que participo deste evento e queria ressaltar aqui, eu vi ali, de longe, não sei se ele (inaudível) o meu companheiro Alberto Tridenti. Não sei se está aí o Tridenti... Está ali.

Aqui estão aqueles que nunca faltaram com sua solidariedade e apoio nos anos em que o nascente movimento sindical brasileiro lutava pelo restabelecimento das liberdades democráticas. Descobri, naqueles momentos, a força que temos, os trabalhadores, quando falamos com uma só voz.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje, mais do que nunca, é chegada a hora da unidade dos trabalhadores e de suas organizações sindicais. A economia mundial vive a mais séria crise das últimas décadas. A comunidade internacional busca respostas às ameaças da derrocada da economia global. Os trabalhadores têm de ocupar um lugar central no debate sobre o dramático momento que vivemos e na construção de alternativas.

A crise, que começou no setor financeiro, já está contaminando a economia real. Afeta conquistas duramente alcançadas pelos trabalhadores, gerando cortes de salários e gerando desemprego. Estamos contemplando a face mais perversa da globalização. Empresas despedem trabalhadores, ao redor do mundo, agravando ainda mais uma crise nascida da especulação, da ganância e da anarquia gerada por mercados sem controle.

Em meu discurso na recente Assembléia Geral das Nações Unidas,



quando já se evidenciavam graves sinais da crise, afirmei que havia chegado a hora da política. O Estado tem que assumir suas responsabilidades. Aqueles que, dogmaticamente, haviam decretado sua inutilidade – quando não sua falência – batem hoje às suas portas para salvarem-se dos desastros que cometeram.

Temos, pela frente, desafios cuja solução não pode ser deixada nas mãos de tecnocratas, menos ainda dos aventureiros que transformaram a economia mundial em um grande cassino. Precisamos reconstruir as bases dessa economia mundial. Estabelecer um novo pacto que favoreça a produção e não a especulação, um pacto que permita reduzir as assimetrias entre os países e as desigualdades entre os seres humanos.

A pobreza e a exclusão que atingem centenas de milhões de homens e mulheres em todos os continentes não é só um problema econômico e social. É também uma questão política, ética e moral. Ela ameaça a paz no mundo e fere profundamente nossas consciências. Sabemos que não se pode solucionar esses grandes problemas sem uma reorganização profunda dos mecanismos de governança global.

Tenho falado com os líderes mundiais a respeito da necessidade de uma verdadeira refundação do sistema financeiro global. Precisamos de um sistema mais transparente, com regras e controles mais estritos, em benefício de todos aqueles, mundo afora, que vivem do seu trabalho. Mas a crise financeira internacional é somente a manifestação mais recente, e talvez mais ampla, de desafios que requerem ações urgentes, tomadas de forma democrática e solidária.

Penso na crise alimentar, que exige a eliminação de subsídios e de outras distorções que destruíram a agricultura de muitos países pobres e prejudicam a dos países emergentes. Num mundo onde cresce a competição por energia limpa e barata, precisamos democratizar o acesso às fontes alternativas. Tampouco superaremos a ameaça do aquecimento global



enquanto os países ricos não reconhecerem que a preservação ambiental não pode ser às custas do crescimento econômico nos países mais pobres.

O Brasil tem defendido a produção de biocombustíveis por sua capacidade de gerar alternativas para os países que dependem da importação de hidrocarbonetos, pelos empregos e pela renda que criam, por reduzir a emissão de gases de efeito estufa.

Meus queridos companheiros e minhas queridas companheiras,

Em todos esses temas, é indispensável uma visão renovada. Nossa meta deve ser uma economia global mais solidária e mais justa, construída de forma democrática. Acreditamos muito nessa possibilidade. A experiência brasileira e de outros países demonstra que estamos no caminho certo.

Ao contrário do que afirmavam os neo-conservadores dos anos 90, crescimento, estabilidade econômica e distribuição de renda são plenamente compatíveis. Não é necessário primeiro fazer crescer o bolo para só depois distribuí-lo. A distribuição é um fator fundamental de crescimento.

Em meu governo, favorecemos os trabalhadores aumentando o mercado interno e estimulamos o consumo e a produção. Tudo isso se fez em diálogo permanente com as centrais sindicais. Como resultado, entre 2002, 2003 e 2007, criamos mais de 10 milhões de empregos formais. Somente neste ano, de janeiro a setembro, criamos dois milhões de novos empregos (inaudível).

Os rendimentos dos trabalhadores aumentaram e o salário mínimo teve reajuste de até 52%. Ao mesmo tempo, estamos presenciando a mais duradoura queda na desigualdade de renda dos últimos 30 anos. Mais de 20 milhões de brasileiros saíram da pobreza. Esse resultado não foi conquistado apenas com o crescimento e a prudência macroeconômica. Os mais desfavorecidos precisam de instrumentos imediatos que lhes dêem perspectivas de um futuro melhor: saúde, educação e formação profissional. É o que o Brasil está fazendo ao estabelecer programas de treinamento para jovens trabalhadores.



Nosso maior programa social, o Bolsa Família, beneficia 44 milhões de pessoas, condicionado à frequência escolar.

Estamos compartilhando essas experiências com países da América Latina, do Caribe e da África, prestando assistência técnica e transmitindo conhecimentos, mas também aprendendo.

Por todas essas razões, o Brasil nunca esteve tão preparado para enfrentar a turbulência atual. Abrimos linhas de crédito para proteger os pequenos produtores e empresários, responsáveis por 60% dos empregos no País. Isto nos permitirá gerar somente neste ano, como disse agora há pouco, mais de 2 milhões de novos empregos formais.

Com estímulos à demanda interna, vamos fazer tudo o que for necessário para manter o País no caminho do dinamismo econômico.

Mas sabemos que nenhum país pode proteger-se da crise sozinho. Vamos aprofundar nossa integração com os irmãos sul-americanos. Vamos precisar de um enorme esforço de coordenação internacional, centrado em foros mais democráticos e representativos. Com uma agenda e com medidas que também reflitam os interesses e necessidades da maioria, e não somente as imposições ou ditames de uma minoria que fracassou.

Será necessário, também, rever prioridades. Dar uma ênfase maior aos temas centrais do combate à fome e à pobreza e também à superação das desigualdades. Pois são esses os temas que, como venho defendendo desde que tomei posse, em 2003, estão na origem de muitos dos problemas que tanto nos preocupam, como a migração e a insegurança.

Essa será uma negociação árdua, mas indispensável. Precisamos combater interesses já estabelecidos em favor de aspirações daqueles que ainda não alcançaram os frutos do desenvolvimento e da prosperidade.

Confio em que a Itália e o Brasil trabalharão juntos, assim como nossos sindicatos, na busca de soluções que façam avançar nossas conquistas sociais e nos ajudem a construir um mundo melhor e mais justo.



Meus amigos ministros, sindicalistas, companheiros e companheiras,

Aqui na Itália vocês já aprenderam como nós, no Brasil, que em época de crise todos perdemos. Em época de crise, muitas vezes, temos que substituir o nosso corporativismo pela política e pensar no amanhã e no depois de amanhã, porque essa crise ainda não nos permite conhecer todos os males que ela vem causar à Humanidade. Até porque a cada dia aparece uma novidade, a cada dia aparece um buraco, e nós estamos percebendo que é importante que os governantes ajam rapidamente para não permitir que o sistema financeiro quebre, porque nós não poderemos viver sem crédito e sem liquidez para irrigar a economia.

Mas é muito importante que os governantes do mundo tenham clareza de que a gente não pode apenas colocar dinheiro para salvar o sistema financeiro sem nos preocupar em garantir que aqueles que não são culpados, mas que são vítimas da crise, paguem o preço mais alto, que são os trabalhadores do mundo inteiro.

Certamente, ainda não temos um diagnóstico perfeito das causas da crise, e não esperem muito dessa reunião do G-20 no dia 15, em Washington. Ela será a primeira reunião, ela é um começo, um começo promissor, porque antes era só o G-8 que se reunia. Agora já é o G-20, ou seja, já são praticamente 12 países a mais, e me parece que a Espanha também vai participar, já seremos 13 países a mais. E também não será apenas o G-20 que vai tomar decisões. É importante que a gente tenha consciência de que somos grandes, mas é preciso ouvir os outros países do mundo para que eles possam compartilhar da construção de uma nova dinâmica da economia mundial.

Uma coisa que está acontecendo e me deixa, como político, satisfeito pela descoberta: durante 30 anos o Estado foi dado como inútil; durante 30 anos se dizia que o mercado, por si só, regularia a economia, cuidaria de políticas sociais, cuidaria de distribuição de renda, de geração de empregos, e



que o Estado só atrapalhava. Qual não é a minha surpresa quando o chamado mercado entra em crise, e a primeira instituição que ele se lembra é do Estado, que ele negou o tempo inteiro.

Por isso que é chegada a hora da política, por isso que as decisões têm que ser eminentemente políticas. Imaginem que no caso do Brasil nós temos uma situação considerada razoável no mundo de hoje. O Brasil é um país que tem apenas uma dívida interna. A nossa dívida pública é de apenas 37% do nosso PIB. O Brasil é um país, hoje, que é credor internacional, temos mais reservas do que a nossa dívida. O Brasil, no ano passado, cresceu 5,4%, e este ano estávamos trabalhando com a hipótese de crescer 6%. Possivelmente não crescamos tanto.

Mas me deixa inquieto quando eu vejo uma agência de risco, com a sua sede nos Estados Unidos, todos os dias medir o risco do meu País, que está crescendo, que tem reservas, que tem saldo positivo na balança comercial, e não vi até agora nenhuma agência medir o risco dos Estados Unidos. É como se apenas os países pobres pudessem oferecer risco a qualquer investidor internacional. Perguntem aos empresários italianos qual o risco que existe de investir no Brasil. Só tem um risco: terem mais lucro do que têm na Itália. Esse é o único risco que corre um empresário italiano no Brasil.

Essa crise é resultado da irresponsabilidade de uma parte do mercado financeiro internacional. Eu não sou economista, sou torneiro mecânico. Mas por ter sido sindicalista, meu caro D'Alema, eu fui obrigado, durante muitos anos da minha vida, a fazer reuniões com os grandes economistas brasileiros. Então, como todos os sindicalistas que falaram aqui, eu também penso que entendo de economia. Mas não é preciso ser economista para entender que o sistema financeiro sadio é aquele que investe no setor produtivo, porque investindo no setor produtivo nós geraremos lucro, mas geraremos empregos, que gerarão salário e, portanto, gerarão o poder de compra de um trabalhador ou de uma trabalhadora.



O que não pode é o sistema financeiro ganhar dinheiro na troca de papéis. O D'Alema me vende um papel, que eu vendo para a UIL, que vende para a CGIL, que vende para (inaudível), que vende para o (inaudível), que vende para um dirigente sindical japonês ou americano. Não gerou um posto de trabalho e deixou muita gente rica. São os ricos virtuais, são os ricos que ganharam dinheiro sem uma gota de suor, sem uma gota de sangue e sem pagar um único salário.

Eu disse ontem ao nosso querido presidente Napolitano que chegou a hora de parar de ouvir analistas de mercado e começar a ouvir analistas sociais, analistas sindicais, os verdadeiros economistas que entendem de economia.

A vantagem de ter perdido três eleições é que eu andei muito pelo mundo, e eu achava extraordinário. Eu ia a Nova Iorque, eu ia a Londres – o Marco Aurélio sempre me acompanhava – para discutir com os grandes bancos. Lá, colocavam na minha frente um bando de jovens, de yuppies, pessoas com 25, 26 anos, a dar palpite sobre a economia brasileira, boliviana, argentina, colombiana, peruana, ou seja, eles nem sabiam onde era a América Latina e ficavam a ditar regras para nós do que deveríamos fazer. Essa gente deu tanto palpite sobre os países pobres, que esqueceu de olhar para a sua própria situação, e agora muitos quebraram. De tanto dar palpite nos outros, eles quebraram.

No Brasil, eu posso dizer para vocês, o governo vai fazer o esforço que for necessário fazer para não permitir que essa crise chegue ao povo mais pobre, ao povo trabalhador. Não é uma tarefa fácil, porque num primeiro momento tem a crise do medo. O medo faz o banco não emprestar dinheiro para o empresário, que faz o empresário não construir uma nova planta, que faz o comércio não comprar do empresário, e que resulta no trabalhador não comprando, com medo de perder o seu emprego. Quando nós chegarmos a essa realidade, aí começa a crise real.



No Brasil nós, enquanto Estado, vamos fazer, até 2010, US\$ 250 bilhões de investimentos em obras de infra-estrutura, e não vamos parar nenhuma obra por conta da crise. Nós achamos que é o momento do mercado interno, nós achamos que é o momento de procurar novos parceiros. O fluxo comercial entre Brasil e Itália vai chegar a 8 bilhões este ano. É pouco, temos que trabalhar para chegar a 10, para chegar a 12, para chegar a 15, porque quanto mais diversificada for a nossa relação comercial, menos nós sofreremos por conta da crise econômica, do que se estivermos subordinados a um único país, a um único bloco.

Trabalhamos para fazer a Rodada de Doha, e trabalhamos muito. Não conseguimos. Eu acho que se a Rodada de Doha era uma oportunidade no mês passado, com a gravidade da crise a Rodada de Doha passa a ser, não uma oportunidade, mas uma necessidade para um alento ao mundo mais pobre, à América Latina. E não falo pelo Brasil, mas pelos países africanos. Se cada país voltar-se para dentro agora, como disse o ministro D'Alema, e parar com as políticas de investimento nos países mais pobres, aí a crise pode virar um caos, exatamente num momento em que o capital especulativo andava sem passaporte pelo mundo inteiro, e os pobres do mundo estão sendo perseguidos nos países ricos.

Eu digo sempre que Deus escreve certo por linhas tortas, e a primeira coisa importante que aconteceu depois da crise foi a eleição do Obama. Não é pouca coisa os Estados Unidos elegerem um negro presidente da República. Como não foi pouca coisa o Brasil eleger um torneiro mecânico, como não foi pouca coisa a Bolívia eleger um índio, como não foi pouca coisa o Paraguai eleger um bispo da Igreja católica para ser presidente da República. O significado da eleição do Obama é que uma das razões pelas quais ele foi eleito é a própria crise e, portanto eu acho que, inteligente como parece ser em todos os debates que eu vi, ele sabe que se essa crise não for debelada logo, um ano depois vai ficar na responsabilidade dele. Durante alguns meses, um



governante pode acusar o outro, mas depois de um ano fica nas costas do governante, qualquer que seja a crise.

Eu queria terminar dizendo para vocês que o movimento sindical precisa agir. Não contra mim, fazendo greve lá no Brasil. Eu mantenho a mais extraordinária relação com o movimento sindical. Já faz mais de 28 anos que deixei a presidência do Sindicato, já virei presidente da República, e ainda hoje eu os trato como companheiros e sou tratado por eles como companheiro. Até porque eu conheço a minha origem, sei de onde vim e sei para onde vou voltar quando eu não for mais presidente.

Queria pedir ao movimento sindical - vou ter um encontro no sábado ou na sexta-feira com o movimento sindical americano, que vai me entregar um documento - acho que é muito importante que o movimento sindical em cada país, e que o movimento sindical internacional elabore o seu diagnóstico e as suas propostas. Essa tarefa não é para governo nenhum dar solução, é para que o povo ajude a encontrar uma nova solução, um novo modelo econômico, um novo sistema financeiro, novas instituições multilaterais, porque essas estão falidas e já provaram que não representam mais os anseios do século XXI. Eu estou convencido de que se vocês formularem as propostas corretas, não estarão falando para os ouvidos surdos das autoridades. Posso dizer para vocês que, como eu, tem muita gente hoje que aprendeu a respeitar, a ouvir e a trabalhar junto com o movimento sindical.

Muito obrigado. Boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Cúpula sobre Mercados Financeiros e Economia Mundial

Washington D.C. - EUA, 15 de novembro de 2008

Um agradecimento inicial ao presidente Bush pela acolhida que nos está sendo dispensada. Quero, sobretudo, felicitá-lo pela iniciativa de convocar esta reunião.

Uma grave crise se abateu sobre a economia global. Ela atinge não só a esfera financeira, como começa a afetar seriamente os setores produtivos. A desaceleração econômica de umas poucas semanas atrás está se transformando perigosamente em recessão.

Ao longo dos últimos anos, muitos países, dentre eles o Brasil, se empenharam em estabilizar suas economias, ao mesmo tempo em que retomavam o crescimento e desenvolviam ambiciosos programas de inclusão social e de redução da pobreza e das desigualdades.

Todo esse esforço, resultante de forte mobilização social e política em nossos países, está hoje ameaçado por uma crise que não criamos. Ela nasceu nos países centrais. É fruto da ganância de irresponsáveis especuladores e – tenho de dizê-lo com franqueza – da absoluta falta de mecanismos sérios de regulação dos mercados financeiros.

Sobraram conselhos de supostos especialistas para os países pobres e em desenvolvimento. Faltaram esses mesmos conselhos para os países ricos, a despeito dos sinais de descontrole financeiro que se avolumavam há tempos.

Hoje estamos reunidos para reduzir os efeitos dessa crise que se espalha por toda a economia mundial. Mas também temos de buscar soluções duradouras para as graves dificuldades que estamos enfrentando. São necessários mecanismos de controle e supervisão das finanças mundiais. Para tanto, precisamos mudar a forma pela qual a economia global é governada



pelas atuais instituições multilaterais.

A realização deste encontro mostra que a comunidade internacional tem consciência do grave momento que vivemos e do que nele está em jogo. É um primeiro e positivo sinal de que as soluções têm de ser coletivas.

Saúdo as muitas iniciativas tomadas nas últimas semanas para combater os efeitos imediatos da turbulência internacional. Elas impediram que, no curto prazo, o pior viesse a ocorrer. Mas necessitamos de respostas estruturais para impedir que a crise financeira contamine definitiva e irremediavelmente a economia real, e as necessitamos com urgência. Somente assim impediremos que o pânico que afeta os mercados acabe por agravar mais ainda a crise, tornando-a irreversível. É fundamental estabelecer mecanismos de vigilância e de regulamentação do mundo financeiro.

Em São Paulo, na semana passada, apresentei aos ministros da Fazenda e presidentes de bancos centrais lá reunidos, alguns princípios que quero aqui reiterar:

- A necessidade de restabelecer a representatividade e a legitimidade das instituições financeiras multilaterais;
- A importância de resolver nossos problemas por meio de ações coletivas;
- A regulamentação adequada dos mercados financeiros e a responsabilidade que cada país tem de não transferir riscos e custos a outros países, sobretudo aos mais pobres.

Falei também da transparência que devem observar os agentes financeiros. Concluí mencionando a necessidade de prevenção que deve presidir a ação de governos e instituições para evitar novos episódios de crise. Mas é essencial a reativação dos setores produtivos.

No Brasil, não vamos abdicar de nosso Plano de Aceleração do Crescimento que envolve US\$ 250 bilhões de investimentos até 2010. Nossa receita contra a crise é expandir nosso mercado interno. Precisamos de mais



produção, mais emprego, mais inclusão social.

A comunidade internacional não pode, por outra parte, reduzir os programas de ajuda, sobretudo aos países mais pobres. Uma das medidas mais eficazes que podemos adotar para evitar que a crise se alastre mais para a economia real, será a pronta conclusão da Rodada de Doha. Ela indicaria a decisão de uma ação global coordenada, que injetaria confiança nos mercados e conteria o surgimento de tendências protecionistas.

Senhores chefes de Estado e de Governo,

Precisamos não só estancar a crise no imediato, como impedir que ela venha a se repetir no futuro. Tenho dito de forma enfática que chegou a hora da política.

Evidentemente, são necessárias soluções técnicas. Temos de restabelecer a liquidez e a confiança no sistema financeiro. Mas é essencial uma decisão política. É preciso aumentar o grau de coordenação na adoção de medidas anti-recessivas. Para tanto, precisamos construir uma nova governança em matéria de finanças internacionais.

Os organismos multilaterais existentes e as regras internacionais vigentes foram reprovados pela história. Tanto o FMI como o Banco Mundial devem se abrir para uma maior participação das economias em desenvolvimento. Isso significa mais voz, representação e voto para os países em desenvolvimento. Só assim poderemos garantir uma efetiva supervisão e regulação dos mercados financeiros nos níveis nacional e internacional.

Espero que este encontro seja o início de um processo que terá como tarefa atacar os efeitos mais imediatos da crise e preparar a volta a um crescimento sustentável. Os olhos de grande parte da Humanidade estão postos sobre nós.

Por essa razão, proponho que esta instância seja alçada à condição de um foro permanente de chefes de Estado e de Governo para produzir propostas que ajudem a debelar a crise e a construir uma nova arquitetura



financeira global.

Além das medidas substantivas aqui apresentadas, quero propor a criação de grupos de trabalho para se ocuparem de temas concretos, com prazos publicamente definidos para apresentarem suas propostas.

Nossas próximas reuniões terão de ser apoiadas por uma reflexão comprometida com a solução da crise, especialmente em benefício dos setores mais vulneráveis da população mundial.

A crise não pode ser vista apenas, nem principalmente, como um conjunto aterrador de números, de estatísticas. Antes de tudo, a crise representa ameaças concretas à vida de milhões de homens e mulheres, perda de empregos, diminuição de renda, aposentadorias comprometidas, mas, sobretudo, aniquilamento de expectativas em relação ao futuro.

Para que a esperança possa vencer o medo, temos de estar à altura dos graves desafios do momento atual. É nessas horas difíceis que afirmamos nossa liderança, que correspondemos plenamente à confiança em nós depositada.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de termos de adesão ao programa Bolsa-Atleta**

São Paulo-SP, 17 de novembro de 2008

Bem, eu já estou muito feliz, porque o Serra disse que está criando um campeonato para a terceira idade. Isso significa que eu ainda poderei ganhar a minha medalha.

Quero cumprimentar o Governador,
Cumprimentar minha companheira Marisa,
Cumprimentar a ministra Dilma,
O ministro Orlando,
O ministro Temporão,
O senador Aloizio Mercadante,
O deputado Milton Monte.

O Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal, que tanto tem ajudado os nossos atletas,

O prefeito de Campinas, doutor Hélio,
O Edinho, de Araraquara,
O Marcelo Candido, de Suzano,

Quero cumprimentar os secretários estaduais que estão aqui, e secretários municipais de esporte,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Vital Severino Neto, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Quero cumprimentar o Antônio Moreno, presidente do Esporte Clube Pinheiros,

Cumprimentar todas as nossas queridas e queridos atletas e paraatletas, aqui representados pela Rosely e pelo Misael; pelo Bruno, da categoria internacional; pela Milena, da categoria nacional e pelo Diego, da categoria



estudantil,

Quero dizer que é muito prazeroso ter entre nós o nosso querido Rogério Sampaio, medalhista de Judô,

O nosso companheiro Bernard, nosso querido... também medalhista de prata na seleção de vôlei,

Hortência, não sei se você ganhou na Olimpíada, ganhou medalha na Olimpíada? De prata, mas eu sei que foi um show no Pan-Americano realizado em Cuba. É muito prazer ter aqui o Rogério, o Bernard e a Hortência prestigiando este nosso evento.

Não se assustem porque eu não vou ler o discurso. Queria apenas dizer para vocês que eu estou gratificado. Não porque já fizemos tudo que temos que fazer ou que podemos fazer, mas porque o pouco que nós fizemos é muito mais do que o que já tinha sido feito em qualquer outro momento da história deste país. E esse pouco nos fez enxergar que com poucos recursos nós poderemos resolver a situação do esporte no nosso país, a gente pode resolver o problema de meninos e meninas que têm vontade, disposição, potencial, e que, às vezes, disputam tudo isso com um prato de comida ou com as suas péssimas condições de vida.

Fico feliz quando o governador de São Paulo anuncia que São Paulo vai criar o seu Bolsa-A atleta. Oxalá, e que Deus nos ajude que a partir do ato de hoje todos os 27 governadores do País resolvam criar o seu Bolsa-A atleta, porque aí a gente vai dando um passo extraordinário.

Eu tive a oportunidade de, talvez, ter sido o presidente da República que mais se reuniu com os atletas brasileiros, porque temos feito muitas reuniões, pelo menos umas duas por ano, e eu tenho dado incentivo, por algumas razões. Primeiro, porque tem uma discrepância no Brasil entre os atletas, ou seja, a iniciativa privada brasileira, eu até diria que do ponto de vista econômico correto, patrocina muito os atletas que já são famosos, aqueles que lhe dão



retorno econômico. E ela se esquece de que para que aquele atleta ficasse famoso e lhe desse retorno econômico, em algum momento, antes de ficar famoso, alguém apostou nesse atleta: às vezes o pai, às vezes a mãe, às vezes um clube lá da periferia da cidade onde ele morava. Mas no fundo, no fundo, alguém acreditou antes para que aquela pessoa pudesse chegar à performance destes três que eu citei aqui.

Eu acho que nós precisamos ter um pouco mais de coração neste país. Muitas empresas brasileiras são empresas que ganham muito dinheiro. Eu me lembro de que depois das Olimpíadas, eu estava no meu gabinete, um grande empresário pediu uma audiência comigo e disse para mim o seguinte: “Presidente, eu fiquei torcendo na frente da televisão para que os nossos atletas ganhassem as medalhas. E quando eles não ganham, a gente fica comparando a quantidade de medalhas nossas com a quantidade de medalhas de outros países, e a gente fica perguntando: por que não mais medalhas? Por que não mais “não sei das quantas”?”

E ele mesmo disse para mim: “E aí, Presidente, sabe o que eu descobri? Em vez de cobrar dos atletas brasileiros, eu me perguntei: o que eu já fiz para que o Brasil pudesse competir em uma Olimpíada? Qual o investimento que eu já fiz?”. A verdade é que o esporte, ou é obrigação do pai e da mãe, ou do próprio atleta, que quando está vocacionado para aquilo, deixa de comer para fazer as coisas. Um verdadeiro atleta, enquanto está se preparando, não tem tempo para ficar sábado e domingo namorando, não tem tempo de ir ao cinema, não tem tempo de passear. Ele tem que fazer uma opção: ou eu quero ser um atleta de verdade, e eu preciso me preparar, porque a vida de preparação é até os 18, depois se joga, ou se treina, ou se pratica esporte, para disputar até no máximo os 30, e depois termina a atividade esportiva, pensando em ganhar uma medalha.

Então, eu fiquei pensando: o que o Estado pode fazer? Eu fiquei vendo na televisão aqueles atletas, eu acho que era em Presidente Prudente, uns



meninos que eram maratonistas, que não tinham nem tênis para treinar. Como é que a gente pode querer que essas pessoas ganhem medalhas? De vez em quando uma cortadora de cana ganha, mas de vez em quando. E esporte, a gente sabe que a gente não pode ficar à mercê da sorte, à mercê da obra-prima que Deus produz a cada cem anos um medalhista de ouro. Esporte é uma coisa que nós podemos preparar, nós podemos criar o atleta, nós podemos criar as condições dessa menina e desse menino treinarem. Governador, de vez em quando, eu fico vendo as escolas públicas nossas e fico vendo os espaços que tem para as crianças praticarem esporte. Algumas não têm nenhum espaço, não têm nenhum espaço. Algumas parecem uma caixa de fósforo em que a criança entra, fica presa dentro de uma sala de aula e não tem absolutamente nada para ela treinar. Outras têm condições, e quando têm condições, em muitos lugares do País ainda são fechadas ao público no domingo, quando é o tempo que o povo tem de freqüentar.

Eu estou convocando agora, Governador, uma reunião com os prefeitos. Você sabe que os prefeitos, todo ano, fazem uma marcha a Brasília para fazer reivindicação ao Presidente da República. Eu agora vou tomar a dianteira e vou convidá-los a Brasília. Eu vou fazer uma pauta de reivindicação para eles. Não que eu não queira atender à marcha deles, quero atender e atender às reivindicações, mas eu quero fazer uma pauta para os prefeitos. Uma dessas coisas, Orlando, seria o seguinte: cada prefeito, seja um prefeito de Santarém, no Pará; seja um prefeito de Quixeramobim, no Ceará; seja um prefeito da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro; aqui, na periferia de São Paulo; em qualquer estado, cada prefeito, se quiser, tem a sua pequena Bolsa-Atleta e cria as condições para que os atletas daquela cidade possam competir. É apenas uma questão de querer. É apenas uma questão de definir como prioridade.

Onde as crianças têm condições de praticar qualquer esporte? Uma pessoa que queira ser maratonista, onde ela tem uma pista para correr? Não



tem, tem que ser na rua. Uma pessoa que quer fazer ginástica artística, onde que vai ter? Não tem porque, na verdade, muitas vezes se faz até um ginásio grande, mas ali só se pratica basquete, vôlei, no máximo chega ao futsal. E fora disso não tem espaço, aquilo é fechado de segunda a domingo. É aberto apenas quando tem um grande evento, e a população circulando em volta daquilo sem ter um espaço para treinar. Quantos campos de futebol ficam fechados a semana inteira, com portão com cadeado trancado, quando se poderia abri-los para os milhares de jovens da periferia poderem praticar alguma coisa lá? Esse desafio eu vou querer fazer para os prefeitos.

Da mesma forma que eu vou querer desafiar os prefeitos para acabar com o analfabetismo no Brasil. Não é o Presidente da República, de Brasília, que vai saber que lá em Chuí tem uma criança na periferia que não entrou na escola. O prefeito pode saber. Então ele tem que ter a responsabilidade de entender que uma criança, para ir para a frente, tem que estudar. E se a gente fizer isso, cuidar do esporte, da educação e da cultura, nós estaremos competindo com uma coisa extraordinária, Serra, que é competir com o crime organizado. Dê motivação a uma criança, que eu duvido que ela vá atrás de drogas. Dê condições de um atleta treinar, de um menino treinar, de ele pegar gosto por aquele treino, para ver se ele vai aceitar que alguém lhe dê maconha para fumar ou que alguém o pegue para trabalhar para traficante.

Na verdade, o que está faltando ainda no Brasil é as pessoas perceberem que o Estado – seja o governo federal, o governo estadual ou o governo municipal – existe, e que nós estamos ali para servi-las, fazendo as coisas que são necessárias para que este Brasil dê um salto de qualidade extraordinário.

Estou vendo aqui, por exemplo, algumas coisas meio contraditórias: o Aloizio Mercadante feliz porque o Santos ganhou, não vai descer; o Juvenal feliz porque o São Paulo ganhou, pensa que vai ser campeão; o Zé Serra feliz porque o Flamengo poderia ter marcado mais do que cinco gols no Palmeiras



pelo que jogou; eu feliz da vida porque o Corinthians é o primeiro da segunda, feliz da vida. Por mim eu deixaria o Corinthians definitivamente na segunda, mas sei que pessoas como o Juvenal estão preocupadas, porque quando o Corinthians voltar para a primeira, acabou a festança do São Paulo neste País.

Estou dizendo isso para poder relaxar um pouco, porque eu falei que não ia fazer discurso e comecei a fazer um discurso. Eu queria dizer para vocês que eu gosto de esporte porque acho que não tem nada melhor, não é apenas para a saúde. Qual é a coisa que mais dá chance para um pobre vencer na vida? É o esporte. De vez em quando tem um milagre e um deles chega à Presidência da República, mas somente no esporte é que o pobre tem um pouco de oportunidade, até porque não tem filho de rico praticando esporte, são poucos. Tem gente de classe média alta jogando esporte, mas futebol é sobretudo uma coisa de pobre, porque todo mundo quer ascensão na vida.

Quantas meninas, Hortência, ficaram vendo você jogar imaginando ser a cestinha de ouro? Quantas meninas passaram 15 anos te vendo jogar, imaginado fazer cesta de três pontos com a facilidade que você fazia? Quantos meninos da periferia, no meu tempo, não viam se o Bernard fazia o tal saque nas estrelas, o “jornada nas estrelas”? Nem sempre acertava, mas a intenção era boa. Agora, essas crianças não puderam ir para a frente porque não tiveram lugar para ir para a frente.

O esporte é uma coisa barata. Uma praça de esporte pode ter multifuncionalidade... você pode ter no mesmo espaço uma piscina, que custava caro antigamente, quando tinha que cavar um buracão de não sei quantos metros, fazer azulejo, mas hoje você compra piscinas razoáveis a um preço barato. Quanto custa cada cidadezinha ter uma praça multifuncional para que a gente coloque essa meninada para treinar? Qual é a opção que temos hoje? Ou você levanta pela manhã, quem tem computador vai para a internet, sobretudo as crianças vão para escola, depois voltam e vão para a internet. Ou, se tiver dinheiro, o pai paga um clube para ela jogar, na expectativa de que



vire um atleta, senão fica na frente de uma televisão vendo o quê? Qual é o processo de educação que nós aprendemos quando ligamos uma televisão neste país? Pelo contrário, eu diria que em muitos casos o que nós assistimos é um processo de degradação da estrutura da família neste país. Ou seja, não existe espaço para a nossa meninada.

De coração, Orlando, quero te dar os parabéns porque finalmente valeu a pena ter um Ministro do Esporte neste país, finalmente. Você sabe, Juvenal, que normalmente quando o político ganha as eleições, a primeira coisa que ele faz é chamar um grande jogador para ser ministro. Eu acho que quando você coloca a corporação para ser ministro, a tendência natural é ele ser ministro pensando apenas no esporte que ele praticava. Então, nós tínhamos a Lei Pelé, a Lei Zico, a lei não sei das quantas... Ou seja, cada um que entrou foi fazendo uma lei, quando na verdade o que nós precisamos é ter alguém que tenha uma visão além da especificidade, uma visão do conjunto da prática de esporte neste país, para que a gente possa criar as condições para essa meninada poder praticar.

As crianças que chegam em casa cansadas, depois de um dia de treino, não têm tempo para nada a não ser comer e dormir, não têm tempo para fazer peraltices. Por isso hoje é um dia gratificante para mim. Gratificante porque finalmente saímos de R\$ 13 milhões para 26, e agora com 40 milhões de incentivo vamos atender a totalidade das pessoas, não é Madrugá? Todo mundo vai entrar e vamos continuar crescendo, porque eu acho que o esporte é não apenas uma esperança, é uma saída e um grande leque de oportunidades para a nossa juventude.

Eu tive a felicidade, nunca tinha sentido essa sensação, mas eu tive a felicidade de estar em Pequim na abertura das Olimpíadas. O orgulho de estar lá em cima – os atletas nem vêem a gente – vendo aquele bando de meninos e meninas carregando a nossa bandeira, vestindo a camisa das nossas cores... Se vão ganhar medalha ou não, são outros quinhentos, o que vale é o



seguinte: nós fomos lá, e fomos lá com os nossos melhores. Fomos lá com os atletas paraolímpicos, que muitas vezes quem está governando pensa que são portadores de deficiência. Portadores de deficiência são os governantes que não querem enxergar que mesmo um cadeirante ou um portador de deficiência visual pode ser um grande atleta.

Eu jamais imaginei ver um portador de deficiência visual jogando bola. E às vezes jogam melhor do que muitos atletas que a gente pensa que são atletas, às vezes jogam. O esforço, a vontade de ganhar... Essas meninas aqui... Só que a gente a vê na televisão e pensa que ela tem um metro e noventa. Ela parece um “meio quilo”, não é? Baixinha, mas parruda e brigadora. Se Deus quiser, Juvenal... e criar também, no São Paulo, um time feminino. Todos os times deveriam ter um time feminino, ter basquete, ter...

No mais, quero agradecer aos familiares. Agradecer, porque eu sei o que vocês significam na vida dos filhos de vocês. Eu sei o orgulho, sei o sofrimento, sei as angústias. Eu me comprometi a conversar com os principais empresários brasileiros, porque não é apenas o Estado que tem que fazer, a iniciativa privada também tem a obrigação de ajudar esses jovens a serem atletas importantes e atletas internacionais.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe todos vocês. Vamos continuar trabalhando para melhorar a prática do esporte no nosso país.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço em homenagem ao presidente da Indonésia, Susilo Yudhoyono
Palácio Itamaraty-DF, 18 de novembro de 2008**

Excelentíssimo Presidente da República da Indonésia, senhor Susilo
Yudhoyono

Presidente do Conselho Representativo Regional da Indonésia

Senhor Hassan, ministro das Relações Exteriores da Indonésia

Demais membros da delegação da Indonésia

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em nome
de quem cumprimento todos os ministros brasileiros aqui presentes

Senhores e senhoras embaixadores acreditados junto ao governo
brasileiro

Meus amigos e minhas amigas

Com grande prazer, recebo o presidente Susilo Yudhoyono em sua
primeira visita ao Brasil.

Esta é a ocasião para relembrar as atenções de que fomos objeto – eu e
minha delegação – quando de minha recente visita a Jacarta.

Estamos formalizando uma parceira estratégica entre duas nações
determinadas a assumir o lugar que lhes corresponde num mundo em profunda
transformação.

Indonésia e Brasil são dois grandes países em desenvolvimento. Duas
grandes democracias multiétnicas, baseadas no respeito às diferenças.

Somos donos de rico patrimônio natural e de grande parte da
biodiversidade do Planeta, fatores que nos permitem antever prosperidade para
esta geração e esperança para as próximas.



Em Bali, reafirmamos nosso compromisso em aperfeiçoar políticas de redução de emissões de gases de efeito estufa. Convocamos os países desenvolvidos a também assumir suas responsabilidades para que os mais pobres e vulneráveis não venham a ser as primeiras vítimas da mudança do clima.

Senhor Presidente,

A humanidade atravessa um momento difícil. Há apenas três dias, estivemos na Cúpula do G20, em Washington. Nos juntamos a outros líderes mundiais para buscar soluções emergenciais e estruturais à grave crise financeira global.

Temos de impedir que a recessão se alastre por todo o Planeta. Temos de reordenar uma arquitetura financeira internacional falida. Não aceitamos que os responsáveis pela derrocada econômica mundial nos repassem a conta.

Exigimos soluções verdadeiramente justas e consensuais, que não façam retroceder nosso desenvolvimento. Não podemos sacrificar os êxitos que tivemos na luta contra a pobreza e a desigualdade.

É importante que o G20 tenha se transformado na instância fundamental de discussão e coordenação de iniciativas contra os efeitos perversos da crise. Nas próximas reuniões do Grupo, temos de colocar no centro dos debates os passos necessários para a democratização das instituições financeiras.

Só com responsabilidade e transparência garantiremos que os mercados estejam a serviço dos interesses coletivos e não da ganância irresponsável de uns poucos.

Não podemos mais postergar reformas essenciais para garantir a paz e promover a segurança. A renovação das Nações Unidas e, mais particularmente, de seu Conselho de Segurança é o primeiro passo para construirmos um verdadeiro multilateralismo.

Como acordamos em Washington, a crise reforça a urgência de concluirmos a Rodada de Doha até o final do ano. É a garantia que teremos contra o protecionismo. Queremos usar o poder do comércio para gerar



empregos e renda. Indonésia e Brasil terão um papel central nesses esforços.

Meu caro presidente Yudhoyono,

Nossos países estão no caminho do crescimento. Em 2007, o comércio bilateral ultrapassou um bilhão e meio de dólares. Em 2008, deve chegar a cerca de dois bilhões e trezentos milhões de dólares.

A diversificação de nossa pauta, assim como as grandes possibilidades de negócios que se abrem, me dão confiança de que chegaremos à marca inédita de dois bilhões ou, quem sabe, chegaremos no ano que vem a três bilhões de dólares.

A presença da Vale na Indonésia, é hoje o maior investimento individual brasileiro na Ásia. O encontro que Vossa Excelência manterá com empresários brasileiros mostra que não estamos paralisados pela incerteza e o medo e que apostamos no crescimento de nossas trocas.

O Memorando de Entendimento sobre cooperação em etanol, assinado em minha visita a Jacarta, começa a render frutos. Indonésia e Brasil estão juntando esforços e competência para mostrar ao mundo como os biocombustíveis podem contribuir para a sustentabilidade social e ambiental.

Compartilhamos a determinação de combater a pobreza e a exclusão social. O Memorando de Entendimento assinado hoje é importante para mitigar a crise alimentar. Penso que a cooperação com a Embrapa, empresa brasileira de pesquisa em agricultura tropical, como a que estamos fazendo na África, ajudaria a ampliar a oferta de alimentos e a combater a carestia.

Mas os benefícios de nossa parceria não devem parar em nossas fronteiras. Estamos, juntos, ajudando o Timor Leste a encontrar o caminho da reconstrução. A aliança entre nossos dois países será um indutor de aproximação e cooperação entre regiões que começam a conhecer-se.

Confio na determinação dos povos indonésio e brasileiro de trabalhar solidariamente para moldar uma globalização mais humana e equitativa.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Por partilharmos esses valores, Indonésia e Brasil sairão da atual crise internacional maiores e mais robustos. Mais preparados para exercer a liderança que os desafios à frente exigem e que nossos povos esperam.

É com essa confiança no futuro de nossa parceria que convido todos os presentes a saudar à amizade entre a Indonésia e o Brasil e à felicidade pessoal do presidente Susilo Yudhoyono.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de almoço em homenagem ao presidente da República da Coréia do Sul, Lee Myung-bak

Palácio Itamaraty-DF, 19 de novembro de 2008

Senhor Yu Myung-hwan, Ministro dos Negócios Estrangeiros e de Comércio da República da Coréia

Demais membros da delegação da Coréia

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores

Hélio Costa, ministro das Comunicações

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro

Senadores, deputados

Meu caro Cid Gomes, governador do estado do Ceará

Meus amigos e minhas amigas

Com satisfação, recebemos o presidente Lee Myung-bak, líder de um país respeitado pelo progresso obtido nas últimas décadas graças à determinação de seu povo.

A parceria que o Estado coreano desenvolveu com o setor privado colocou o país na vanguarda internacional. Permitiu a emergência de marcas mundiais que hoje competem em pé de igualdade com grandes empresas dos países desenvolvidos.

A Coréia também avançou no caminho da democracia, ampliando os direitos de seus cidadãos.

O exemplo coreano é um paradigma para a construção de uma economia sólida e dinâmica.



Coréia e Brasil estão empenhados em reduzir as brechas econômicas e sociais que dividem nossas sociedades, diminuindo a pobreza e a desigualdade. Valorizamos a aposta coreana numa educação de qualidade para todos, voltada para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional.

Senhor Presidente,

Estas e outras coincidências têm contribuído para a parceria que fomos construindo nos últimos anos. O comércio bilateral tem avançado de forma espetacular. O intercâmbio saltou de 1,9 bilhão de dólares, em 2002, para 5,4 bilhões de dólares, em 2007, um aumento de 183%. Em 2008, o intercâmbio comercial chegará próximo a 8 bilhões de dólares. Temos muito espaço para crescer e, sobretudo, de forma mais equilibrada.

Prova disso é a presença de importantes empresas coreanas em setores de ponta da economia brasileira, como o eletrônico, o da construção, das telecomunicações e transportes.

Com o Plano de Aceleração do Crescimento, que lançamos em 2007, abriram-se novas oportunidades de investimento no Brasil. Penso em projetos como o do Trem de Alta Velocidade, o Plano Nacional de Dragagem e a construção naval, em que a capacidade tecnológica coreana é reconhecida internacionalmente.

Abrem-se novas oportunidades para a associação entre empresas brasileiras e coreanas em energia e mineração. A cooperação avança em setores de ponta, como os da biotecnologia e da tecnologia agrícola.

Queremos também combinar vantagens comparativas e agregar valor em áreas chave como energias renováveis, uso pacífico da energia nuclear, tecnologia aeroespacial, nanotecnologia e informática.

A parceria entre Coréia e Brasil torna-se ainda mais estratégica no momento em que o mundo enfrenta uma crise financeira de proporções sem precedentes.



O presidente Lee Myung-bak e eu coincidimos, na recente reunião do G20 em Washington, sobre a necessidade de uma pronta e abrangente ação para debelar os principais fatores da turbulência global. Devemos privilegiar a economia real, os investimentos produtivos e as atividades geradoras de renda e empregos para conter a ameaça da recessão.

Concordamos sobre a necessidade de criar mecanismos transparentes e eficazes de regulação. Somente com regras claras e previsíveis poderemos evitar a repetição de crises no futuro.

A consolidação do G-20 como instância política é um grande passo no sentido da democratização das instituições financeiras, que garantirá a participação efetiva das economias emergentes.

Na presidência atual e futura do G-20, Coréia e Brasil vão trabalhar juntos para implementar as medidas que permitirão alcançar esses objetivos.

Caro Presidente

Coréia e Brasil estão unidos na defesa de mais integração, mais comércio, menos distorções e menos protecionismo. A conclusão da Rodada de Doha deixou de ser uma oportunidade. Ela é hoje uma necessidade urgente. O comércio livre será um poderoso instrumento de resolução da crise.

Coréia e Brasil também são chamados, por seu peso econômico e político, a engajar-se numa solução coletiva para o desafio do aquecimento global. Com igual sentido de justiça e equilíbrio, queremos que prevaleça uma solução que respeite as responsabilidades diferenciadas e nosso direito ao desenvolvimento.

A eleição de Ban Ki-moon, como Secretário-Geral das Nações Unidas, foi apoiada desde a primeira hora pelo Brasil, em reconhecimento ao empenho da Coréia pelo fortalecimento do multilateralismo. Sei que poderemos contar com a Coréia e com a ação do Secretário-Geral para avançar na urgente tarefa de tornar a ONU - e seu Conselho de Segurança, em particular - mais representativos da realidade contemporânea.



Quero aqui recordar o empenho do Presidente da Coréia em prol dos altos ideais do diálogo e da paz. O Brasil acompanha com interesse os avanços alcançados nas conversações para desnuclearizar a Península Coreana.

Meus amigos e minhas amigas,

Em 2009, vamos comemorar os 50 anos do estabelecimento das relações entre nossos dois países. É um momento especialmente propício para recordarmos a presença da comunidade coreana no Brasil, esses homens e mulheres que atravessaram oceanos para aportar seu trabalho e criatividade na construção de uma nação acolhedora e agradecida.

Com a certeza de que nossa parceria continuará a nortear a caminhada da Coréia e do Brasil rumo ao desenvolvimento, peço a todos que me acompanhem em um brinde à saúde e à felicidade do presidente Lee Myung-Bak e de todo o povo da Coréia.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia em comemoração do Dia da Consciência Negra**

Rio de Janeiro-RJ, 20 de novembro de 2008

Primeiro, eu queria agradecer ao nosso companheiro Pezão, Governador em exercício do estado do Rio de Janeiro, e dizer para vocês que eu vi a relação dos artistas que vieram cantar hoje, aqui. Eu acho uma pena a gente estar fazendo discurso, quando a gente deveria estar ouvindo música aqui, das pessoas. Mas, de qualquer forma, os organizadores previram discurso, então vamos fazer um discurso aqui.

Uma coisa importante é que este é um daqueles momentos quase mágicos que todo político e que todo presidente sonha viver. No último dia 23 de julho sancionamos, em Brasília, a lei concedendo anistia póstuma a João Cândido Felisberto, o Almirante Negro. Foi um momento importante, carregado de simbolismo, mas ocorrido dentro de um gabinete.

Hoje, temos a oportunidade de lembrar este nosso herói aqui, no Rio de Janeiro, a primeira cidade brasileira a adotar o Dia Nacional da Consciência Negra como feriado de Zumbi dos Palmares, em 99.

Eu dizia ao companheiro Edson que nós já temos no Brasil, hoje, 350 cidades que decretaram feriado. E que possivelmente é importante que a gente pensasse logo em transformar isso num feriado nacional, porque pelo andar da carruagem a gente vai percebendo que a cada ano mais cidades decretam feriado. Em 2006, eram 225 cidades, hoje já são 350 cidades. Em um ano e meio, mais de 120 cidades decretaram feriado. E certamente são as cidades mais importantes do nosso país.

Bem, eu vou deixar o meu discurso de lado aqui, e vou tentar ter uma conversa para falar do significado do dia de hoje.



O Brasil é um país que lamentavelmente não aprendeu a construir heróis. Na verdade, se a gente pergunta para qualquer cidadão brasileiro, rico ou pobre, se você pergunta quem é o herói brasileiro, todo mundo vai lembrar apenas de Tiradentes.

Ora, isso porque a nossa história não é contada como ela deveria ser contada. Ao longo dos anos, nós temos que contar a história do que representam as pessoas, mesmo dos movimentos pequenos, porque não é a pessoa em si, mas é a causa pela qual a pessoa lutava e pela qual a pessoa morreu. Lamentavelmente, a gente tem que esperar, às vezes, 50 anos, 60 anos, 100 anos, para que um fato histórico seja considerado importante e para que os personagens daquela história se transformem em referência.

Outro dia eu estava num encontro da UNE aqui, no Rio de Janeiro, e eu falei uma coisa que criou uma certa polêmica junto aos companheiros. E como eu gosto de uma polêmica, quero reiterar aqui para vocês. A gente estava discutindo a anistia de todos os companheiros que foram vítimas do regime autoritário. E eu dizia para os companheiros que a gente tem que reivindicar o que tiver que reivindicar, mas nós precisamos aprender a transformar os nossos mortos em heróis. Ou seja, o povo brasileiro precisa conhecer porque as pessoas morreram, o que eles fizeram, porque eles criaram contra eles revolta de quem estava no governo, porque somente assim a gente vai criar uma consciência política na nossa juventude, e elas vão perceber que o Marighella não morreu por ser bandido, ele morreu porque acreditava numa causa. Nós vamos perceber que o Gregório Bezerra não foi arrastado pelas ruas de Recife porque ele tinha roubado um carro, é porque ele defendia liberdade democrática neste país.

Ora, nós estamos, hoje, homenageando um homem que com 13 anos entrou na Marinha, e que em 1908 foi para a Inglaterra para ver os navios que a Marinha inglesa estava construindo para nós. E foi na Inglaterra que esse jovem – na verdade jovem não, uma criança, com 13 anos de idade –, foi em



Londres que ele descobriu que tinha naquela cidade uma revolta dos marinheiros ingleses contra os comandantes, pelos tratamentos que os marinheiros recebiam.

Esse jovem voltou para o Brasil com aquele movimento na cabeça. E vejam a coincidência: ele foi descobrir em Londres que foi exatamente a Marinha inglesa que criou a nossa Marinha, portanto ela não trouxe para cá apenas as virtudes da Marinha inglesa, trouxe também os defeitos da chibatada nos marinheiros.

Pois bem, quando é que esse jovem se rebela? É quando esse jovem vê um companheiro dele ser condenado a 250 chibatadas, que mesmo desmaiado continuaram a bater com a chibata nele. Eu não sei se as costas de um ser humano agüentam 250 chibatadas. E eu não sei quantos brasileiros hoje teriam a coragem e a dignidade de se rebelar contra os seus comandantes, como João Cândido fez naquele tempo.

Vejam, precisou passar muito tempo para que as coisas começassem a mudar e as pessoas começassem a reconhecer. Nós temos muita gente para a gente reconhecer. O Antônio Conselheiro não pode ser vendido a vida inteira como um beato ignorante que fez uma revolta à toa. Ele acreditava em algo maior e tentou organizar uma parte da sociedade para construir uma coisa que ele acreditava: ao invés da violência, era bom que tivesse o debate político para as pessoas poderem ir fazendo as suas opções.

Mas nós temos outros movimentos pelo Brasil, ao longo da história, que nós precisamos recuperar essas histórias, para que essas histórias sejam contadas nas nossas escolas. A gente jamais iria resolver a discriminação ao negro do País, se a gente não tivesse tomado a atitude de fazer com que a história dos negros no Brasil fosse contada na escola brasileira, para que as crianças saibam. Porque os negros viviam em liberdade na África. Eles foram transformados em escravos quando foram presos, e lamentavelmente presos por pobres africanos que escravizavam para vender para portugueses.



E eu tive o prazer de ter uma das maiores emoções da minha vida, de ir ao Beni, e lá ir visitar um lugar chamado “A Porta do Nunca Mais”. Era uma espécie de uma cela onde os negros chegavam, eram separados – meninas, mulheres, homens – ficavam vários dias lá e aí encostava um navio negreiro, quando eles saíam naquela porta e olhavam para o mar, eles sabiam que eles jamais voltariam para o seu país. Viriam para cá, iriam para os Estados Unidos, iriam para Cuba e para outros países.

Eu acho que a gente tem que olhar para a África e de vez em quando imaginar, e de vez em quando a gente refletir porque aquele continente continua sendo o continente mais atrasado do planeta. Se é verdade que lá é a origem do ser humano, eu fico me perguntando como é possível o continente que deu a origem do ser humano ser o mais pobre? É porque durante 300 anos se tirou de lá o que tinha de melhor: jovens, homens e mulheres, jovens com saúde, para trazê-los para cá para torná-los escravos e para fazê-los trabalhar pelos senhores de engenho que não queriam trabalhar.

Eu dou graças a Deus. Não à escravidão, mas aos negros terem vindo para cá. Porque a mistura do negro, do índio e do europeu que estava aqui, que era o português, transformou este povo brasileiro no mais extraordinário ser humano que o planeta tem.

Você vai a um país europeu fazer um ato como esse, só tem galego, não tem nem moreno. Agora vejam aqui que colorido, não de roupa, de cor. Nós conseguimos criar uma raça, eu diria, de uma perfeição extraordinária. E é uma coisa em construção, é por isso que o povo brasileiro é considerado o povo mais criativo. É por isso que agora, essa crise que está acontecendo no mundo inteiro e eu posso dizer para vocês sem medo de errar: o Brasil é hoje o país mais preparado para enfrentar essa crise. E nós temos que ter consciência de que nós vamos fazer o País sair dessa sem sofrer as conseqüências que outros países estão sofrendo.



É a primeira vez que a crise não acontece em um país pobre. Quando acontecia aqui, estava cheio de gringo que vinha aqui dar palpite na nossa economia, agora aconteceu foi lá dentro. Não foi no Rio de Janeiro, não foi na Baixada Fluminense, não foi em Pernambuco. Foi em Paris, foi em Londres, foi em Nova Iorque, foi em Roma, foi nas capitais dos países ricos que aconteceu a crise. E aconteceu a crise por quê? Aconteceu a crise por falta de regulação ao sistema financeiro. Se eles aprendessem com o Brasil, não teriam sofrido a crise que sofreram.

Agora estamos vivendo um problema sério de imigração na Europa. Estão perseguindo, fazendo lei para criar dificuldade para negro, para pobre, para brasileiro, para latino-americano e para a Europa. Ou seja, na verdade eu quero que todo mundo olhe para o Brasil como um país que sabe tratar a imigração. Aqui latino-americano, europeu, palestino, judeu, africano, todos nós vivemos em paz, tranqüilamente, construindo essa nação. E nós estamos recebendo estrangeiros aqui desde 1500. Só fomos brabos com os holandeses e com os franceses que não pediram licença, quiseram invadir. Aí nós os derrotamos em uma curta batalha, mas os derrotamos.

Agora nós estamos vivendo no século XXI, estamos homenageando um homem que é um negro, que é pobre, e que foi perseguido por ter consciência política, que é a maior perseguição que se faz a alguém. Perseguir alguém porque não concorda com aquilo que eu penso. É por isso que este país é um país que vai consagrar...e eu recebi agora todas as religiões para a gente evitar perseguição de uma religião sobre outra religião. Que a gente não tenha mais nesse país perseguição política. O que nós estamos fazendo aqui hoje está acontecendo no mundo inteiro.

Vocês sabem que eu sou um cara que de vez em quando eu gosto de contar história para que o povo aprenda. Vamos ver o que aconteceu no mundo depois da nossa eleição no Brasil. Olhe para a América Latina e veja o que aconteceu na América Latina. Veja a eleição de tantos companheiros.



Depois da eleição do metalúrgico, um índio foi eleito na Bolívia, o Lugo foi eleito, o Chávez já estava eleito, Rafael Correio foi eleito, Cristina Kirchner, Michelle Bachelet, apenas para citar alguns. Não é pouca coisa um negro ser eleito Presidente dos Estados Unidos. Não é pouca coisa. O fato histórico e o simbolismo histórico de um negro ser eleito presidente dos Estados Unidos é uma marca histórica sem precedentes.

Agora, o Obama vai entrar com o país na maior crise da sua história, igual à crise de 1929. Eu acho que o Obama tem que dizer o que eu disse aqui, quando eu tomei posse, em 2003. Eu dizia sempre: eu não posso errar, porque qualquer presidente da elite pode errar e, no dia seguinte, está contratado para escrever artigos em jornais, para dar aula em universidade, qualquer um. Mas um metalúrgico não pode errar, porque se eu errar é uma “cangalha” na cabeça do trabalhador, que ele vai passar 500 anos para eleger outro trabalhador, porque eles vão dizer que o trabalhador não tem competência.

O Obama é inteligente, tudo indica que ele é muito inteligente. Então, ele tem que entrar e dizer: “Eu tenho que recuperar a economia americana, porque senão vão jogar esse desastre dos brancos nas costas dos negros e nunca mais um negro vai ser eleito presidente dos Estados Unidos”. É por isso que eu acho que ele tem que entrar, e certamente vai entrar, com a determinação de tomar atitudes para a economia se recuperar.

Vocês estão lembrados, quando eu tomei posse, em 2003, o que a imprensa escrevia, o que os economistas diziam? “O País está quebrado, o País não tem mais conserto, o País não sei das quantas”. E eu dizia: Não vai quebrar, nós vamos recuperar este país, porque este país é muito grande, tem um potencial. E agora, enquanto tem muita gente com medo da crise, eu tenho dito: Essa crise é uma oportunidade para o Brasil sair dela sendo muito mais forte, sendo muito mais rico e tendo muito mais possibilidades no futuro.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu quero terminar dizendo que hoje eu estou feliz porque finalmente João Cândido virou



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

cidadão brasileiro, livre de preconceito.

Um abraço, e bom dia para todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de decreto de regulamentação da conservação e utilização do bioma Mata Atlântica

São Paulo – SP, 21 de novembro de 2008

Além de cumprimentar o Minc e o Reinhold Stephanes, eu acho que nós temos que fazer justiça ao companheiro Fábio Feldman, pela dedicação que ele teve na aprovação do projeto. Demorou, mas no Brasil é assim mesmo, as coisas demoram, mas um dia saem. Eu só não entendo, Fábio, por que depois de a gente fazer aquele ato sancionando a lei, demoramos tanto para regulamentar. Aí eu não posso jogar a culpa em ninguém – ou no Minc ou (inaudível). (*intervenção do ministro **Carlos Minc**: eu estou aqui há cinco meses e meio...*). Mas poderia ter feito pressão.

Eu acho que a regulamentação tem algumas inovações importantes no decreto. Primeiro, o detalhamento dos tipos de vegetação protegidos pela Lei da Mata Atlântica. Eles serão delimitados no mapa da área de aplicação da Lei 11.428, elaborada pelo nosso bom e respeitado IBGE. Contribui para o atingimento da meta de desmatamento ilegal zero da mata atlântica, que ainda guarda um dos maiores índices de diversidade de plantas e animais do Planeta.

Por último, avança no estabelecimento dos requisitos mínimos que deverão orientar a elaboração dos planos municipais de conservação e recuperação da mata atlântica, ampliando e estimulando a participação dos municípios na gestão dos recursos da mata atlântica.

O Minc tem conversado comigo, e eu penso que nós vamos ter que dar uma outra dinâmica nessa questão da preservação ambiental. É sempre muito difícil as estruturas do Ministério do Meio Ambiente e as do Ibama serem responsáveis por 8,5 milhões de quilômetros quadrados, com todas as



dificuldades de material humano e logístico. Eu tenho ficado preocupado, porque a gente fica esperando as fotos do Inpe para a gente discutir se está desmatando ou se não está desmatando.

Eu tenho dito para o Minc que nós vamos elaborar duas novidades nessa questão ambiental. A primeira é que ou nós envolvemos os prefeitos e os co-responsabilizamos a entenderem que (é preciso) respeitar a legislação vigente e fazer da preservação ambiental uma atividade do prefeito e do poder local, ou a gente vai ficar correndo atrás da fumaça.

Eu disse para o Minc que a partir do próximo ano eu estou convidando todos os prefeitos, antes de eles fazerem a Marcha para me entregarem a pauta de reivindicações, eu vou chamá-los para entregar a minha pauta de reivindicações para eles. Na verdade, é construir uma parceria com os prefeitos, para que eles percebam a utilidade e o benefício para o município, se eles tiverem uma política correta para cuidar do meio ambiente.

Essa questão do desmatamento na Amazônia, que a cada tempo o Minc me procura e diz: “Presidente, cresceu. Presidente, diminuiu. Presidente, não sei das quantas...” Nós já temos os estados onde acontece isso, já temos os municípios onde acontece isso. Eu estou cansado de ver, a cada tempo, o Minc dar entrevista, o companheiro do Minc dar entrevista, o companheiro do Ministério de Ciência e Tecnologia dar entrevista, quando, na verdade, nós temos que nos precaver para evitar que haja desmatamento. Aí, na minha opinião, não tem outro jeito senão envolver as prefeituras nisso.

Aí não é só lei, é um trabalho de convencimento. O cara tem que passar a gostar de fazer as coisas que ele se sentia obrigado a fazer. O prefeito tem muito mais condições porque ele tem toda a estrutura em uma prefeitura, que ele pode... Se for preciso a gente passar algum dinheiro para melhorar a fiscalização, nós temos que ajudar também, porque isso é um estímulo para os prefeitos.



Ao mesmo tempo, eu tinha proposto ao Minc que criássemos uma polícia... eu não sei se uma guarda nacional, se uma polícia florestal, alguma coisa que a gente possa ter mais segurança.

Por que nós precisamos agir com mais rapidez e, eu diria, com mais força agora? É porque a questão ambiental passa a se tornar uma vantagem comparativa para o mercado onde Brasil quer aumentar as suas exportações. Quando nós quisermos discutir com outro governo, aumentar a exportação de qualquer produto para ele, a questão ambiental passa a ser uma vantagem comparativa para o Brasil.

O projeto no qual o Reinhold Stephanes trabalhou com outros ministros e me apresentou sobre a questão do zoneamento agroecológico da cana está bem feito, faltam algumas coisinhas só para a gente definir e anunciar, definitivamente, o zoneamento. Eu acho que nós todos estamos tomando consciência de que a preservação não é uma obrigação do Ministério do Meio Ambiente, não é uma obrigação dos ambientalistas, ou seja, tem que ser uma política nacional e que os 190 milhões de brasileiros estejam engajados.

Eu, por exemplo, Fábio, me lembro que quando o Montoro ainda era o governador, estou falando de 1982, já começou a se falar muito na despoluição do rio Tietê. Depois, eu me lembro que quando o Fleury tomou posse, o banco japonês anunciou US\$ 500 milhões para despoluir aquele rio. Na verdade, eu não sei quem foi que ganhou muito dinheiro ali, mas aquela draga que tira terra, põe terra, tira terra, põe terra... Nós não vamos despoluir esse rio, pode fazer mais canal, pode alargar, é preciso ter o compromisso de despoluir esse rio. Um tempo desses eu fui a uma cidade, aqui, próxima e passei em Pirapora. Naquela ponte, o rio é uma fedentina, é uma coisa absurda. Um pouco mais para a frente tem uma queda d'água, não há fábrica de Pet no mundo que tenha tanta garrafa quanto tem garrafa Pet ali. Na verdade, as pessoas discutem muito na televisão, debatem muito, mas o essencial, que é evitar que a água podre e o lixo cheguem àquele rio, está demorando demais.



Eu não sei se vocês têm estudos sobre o dinheiro que já foi gasto para despoluir esse rio. É uma coisa... eu não sei se foi aplicado todo, mas o anunciado foi muito dinheiro. Então, US\$ 3,6 bilhões, é uma coisa muito volumosa e o resultado da despoluição tem sido muito pequeno. Eu agora passei de helicóptero sobre o rio Pinheiros, a água já não tem mais cor, eu pensei que era petróleo e falei: Será que encontraram um “pré-Pinheiros”, aqui?

Os anos vão passando, passando, passando e não há uma tomada de decisão para resolver isso definitivamente. Então eu quero, Minc, lhe dar os parabéns, porque finalmente nós concluímos a etapa legal da regulamentação da Mata Atlântica. Agora, é fazer cumprir o que está na lei e o que está regulamentado. E dizer para vocês uma coisa importante: eu tenho tanta sorte, que ontem, lá no poço de Jubarte, a Petrobras encontrou mais um reserva de 2 bilhões de barris de petróleo. Mais petróleo para enfrentar essa crise que nós estamos vivendo no mundo.

Por isso, parabéns, Minc, parabéns, Reinhold, parabéns, Fábio, e parabéns a todos vocês, que muitas vezes no anonimato fizeram muito mais dos que os governantes que têm um mandato para fazer.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão plenária de encerramento da Conferência Internacional sobre Biocombustíveis

São Paulo-SP, 21 de novembro de 2008

Meu caro Governador do Estado de São Paulo, José Serra,
Companheiros ministros do Brasil: Celso Amorim, das Relações Exteriores; Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Edison Lobão, de Minas e Energia; Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Carlos Minc, do Meio Ambiente; e Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário.

Embaixador André Amado, Subsecretário-Geral de Energia e Alta Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores,

Senhores e senhoras chefes de delegações estrangeiras,

Companheiros e companheiras,

Primeiro, eu quero agradecer a presença de todos os participantes desta Conferência. O comparecimento de tantas delegações demonstra que o tema dos biocombustíveis ganhou lugar de destaque na agenda global.

Aqui fizemos uma troca informada e sem preconceito de idéias. Até alguns meses atrás, todas as atenções estavam voltadas para a chamada crise dos alimentos. Hoje temos uma nova crise, cujos efeitos se anunciam mais devastadores.

As crises, como todos sabem, são portadoras de ameaças, mas também nos permitem ver oportunidades e novos caminhos. Hoje está claro que a comunidade internacional precisa rever, com urgência, suas prioridades e perspectivas.



Na reunião do G-20, em Washington, decidimos agir de forma coordenada e solidária para reverter o caos financeiro e evitar danos maiores para a economia mundial. Mas essa difícil conjuntura que o mundo atravessa não pode ocultar outras questões de fundo, como o são a fome e a pobreza de centenas de milhões de pessoas. Não pode encobrir, tampouco, os problemas decorrentes da mudança climática pela qual o mundo está passando. Temos de pensar estes e outros temas como questões globais e interligadas.

A crise alimentar tem muito a ver com a alta especulativa do petróleo e com a especulação com o alimento no mercado de *commodities*. Tem a ver com o protecionismo no comércio internacional. Essas distorções estão na origem de grandes movimentos migratórios, que alguns querem deter com repressão. Falta entender que a resposta aos problemas da paz e da segurança, no mundo, passa pela superação da desigualdade e da desesperança.

Meus amigos e minhas amigas,

Somos hoje chamados a renovar o compromisso com o desenvolvimento sustentável que assumimos na Conferência Rio-92. Diante da ameaça de uma recessão global, não podemos ceder à tentação de crescer a qualquer preço. Não podemos aceitar a falsa opção entre o nosso bem-estar atual e o das gerações futuras.

Convidei-os a São Paulo por estar convencido de que os biocombustíveis podem nos ajudar a combinar crescimento com preservação ambiental, mas também com responsabilidade social. Esse é o desenvolvimento que queremos.

Na Conferência da FAO sobre segurança alimentar, em junho deste ano, afirmei que precisávamos reformular visões e reciclar idéias. Refutei teses falaciosas daqueles que queriam responsabilizar os biocombustíveis pela poluição, pela destruição das florestas ou até pela fome no mundo. Reconheço que há preocupações legítimas nesse debate. Mas a deturpação e o



preconceito com que os biocombustíveis foram por vezes tratados, escondiam desinformação, quando não os interesses de *lobbies* poderosos.

É obvio que os biocombustíveis estão longe de serem uma panacéia. Não vão resolver todos os problemas energéticos, ambientais, econômicos e sociais do Planeta. Não defendemos que os biocombustíveis sejam produzidos a partir de áreas hoje ocupadas por florestas ou que substituam a produção de alimentos. Ficou claro, ao longo desta Conferência, que a produção de biocombustíveis supõe terras disponíveis e respeito ao meio ambiente, à segurança alimentar e aos direitos dos trabalhadores.

Senhoras e senhores,

Com a realização desta Conferência relançamos o debate sobre os biocombustíveis. Essa discussão não é apenas sobre fontes de energia. Diz respeito à construção de uma nova economia, e de uma nova forma de relação da sociedade com o Estado e dos Estados entre si. Como gerar energia de forma rápida, barata e democrática? Como criar novos empregos e fontes de renda para pequenos agricultores? Como mitigar a mudança do clima, quando ninguém quer pagar a conta, e todos continuam emitindo? Como impedir os movimentos erráticos de milhões de homens e mulheres desesperançados, pelo mundo afora, em busca de oportunidades? Enfim, como reduzir padrões insustentáveis de consumo e, ao mesmo tempo, atender às aspirações de bem-estar e desenvolvimento? São perguntas especialmente agudas neste momento.

Enquanto os críticos dos biocombustíveis não oferecem respostas alternativas, convidamos todos a conhecer os 30 anos de resultado concreto do Brasil. Nossa produção de etanol e de alimentos nasceu de uma grande transformação do campo brasileiro, graças aos esforços dos nossos pesquisadores e ao espírito empreendedor dos agricultores brasileiros.

Aprendemos a explorar o extraordinário potencial transformador do etanol e do biodiesel em termos de geração energética, geração de emprego e



renda e redução das emissões. Agora, propomos que eles sejam vistos como uma promissora alternativa para mais de 100 países em desenvolvimento.

Com a escassez de crédito e a volatilidade dos preços de energia, a diversificação da matriz energética torna-se ainda mais urgente para países ricos ou pobres que dependem da importação de hidrocarbonetos. Os custos da reconversão são evocados por alguns países industrializados para atrasar metas e redução de emissões. Mais uma razão para lembrar o potencial dos biocombustíveis para mitigar a mudança do clima.

Na batalha contra a recessão global, os líderes de 20 grandes economias desenvolvidas e em desenvolvimento comprometeram-se a concluir a Rodada de Doha. Confiamos em que a expansão dos biocombustíveis não será retardada por barreiras protecionistas, sob qualquer roupagem ou pretexto. Como justificar tais medidas quando a importação de petróleo não sofre essas restrições?

Foi com esse objetivo que o Fórum Internacional dos Biocombustíveis lançou discussão sobre regras e parâmetros. Queremos garantir que falamos todos a mesma língua, e permitir que os biocombustíveis se transformem em *commodities* produzidas e exportadas pelo maior número de países no mundo.

Criamos, em julho, uma mesa de diálogo entre governo, empresários e trabalhadores sobre as condições laborais e sociais do setor canavieiro. Estamos avançando na agenda negocial da sustentabilidade social e no compromisso de adotar práticas empresariais e políticas públicas que garantam a esses trabalhadores a plena cidadania.

Esse é um debate que não diz respeito apenas aos brasileiros. Estamos prontos a dialogar com outros países interessados em biocombustíveis que gerem energia limpa e barata e emprego de qualidade. Somente assim garantiremos que os biocombustíveis serão um instrumento de transformação da vida das pessoas, que criem renda no campo e na cidade, que possam estar na base de políticas sociais e econômicas capazes de reduzir a pobreza



e a desigualdade. Os biocombustíveis também propiciam cooperação científica e tecnológica, não somente em setores de ponta mas, sobretudo, em conhecimentos e aplicações que possam ser transferidos a baixo custo para os países mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

São claros os sinais de ameaça em temas como mudança do clima, segurança energética e segurança alimentar. Se quisermos evitar catástrofes, temos que mudar nossa maneira de agir. Só vamos vencer esse desafio se a comunidade internacional atuar de forma coordenada e solidária, adotando regras mais transparentes e decisões mais democráticas, respeitando as necessidades de todos, mas levando em especial consideração que os países menos desenvolvidos são sempre as primeiras e as maiores vítimas.

Os biocombustíveis dão uma resposta dos próprios países em desenvolvimento para o desafio do crescimento duradouro. Para isso, é imperativo que todos se engajem. Precisamos multiplicar iniciativas de cooperação trilateral como as que temos com alguns países desenvolvidos, para viabilizar a produção de biocombustíveis na América Central, no Caribe e na África.

Estou convencido de que esta Conferência abriu um novo horizonte para o tema dos biocombustíveis, para aproveitarmos todo o potencial de transformação que eles representam. Mas esta Conferência não pode se esgotar em si mesma. Para assegurar a sua continuidade, o Brasil fará consultas aos governos presentes, bem como a organismos internacionais e à sociedade civil.

Neste momento de grande turbulência e incerteza global, vivemos o desafio de reinventar o conceito de segurança para o mundo, em que não só a energia seja renovável, mas também nossa capacidade de modificar a realidade, de mudar prioridades e perspectivas.

Meus amigos e minhas amigas,



Permitam-me ocupar o tempo de vocês por mais alguns segundos. Na reunião do G-8, no Japão, e no encontro da FAO, em Roma, os preços do petróleo e os preços dos alimentos estavam na ordem do dia, só se falava sobre isso. Na reunião do G-8 eu levantei o tema do mercado futuro de petróleo, porque ninguém conseguia explicar direito por que o barril de petróleo tinha saído de US\$ 30 e tinha chegado a US\$ 150. A resposta mais fácil era culpar o crescimento econômico da China pela alta do petróleo. Hoje nós sabemos que a China continua consumindo petróleo, e ele caiu de US\$ 150 para pouco mais de US\$ 50, provando que quando nós fizemos a denúncia de que o petróleo estava alto por conta da especulação no mercado futuro, nós tínhamos no mercado futuro a mesma quantidade de barris de petróleo vivendo especulação, a mesma quantidade do consumo da China.

Também não entendíamos por que o preço do alimento subiu tanto nos meses de maio, junho e julho. Não conseguíamos entender e a resposta mais simples, para alguns, era dizer: “é a produção de etanol do Brasil.”

Isso foi muito importante porque nós queríamos fazer um debate mundial, queríamos fazer um debate com os países que têm potencialidade de produzir e queríamos fazer um debate com os países que têm possibilidade de consumir e de financiar. E queríamos fazer esse debate porque estávamos convencidos de que o Brasil tinha razão na tese da mudança da matriz energética dos países, para que a gente pudesse cumprir, minimamente, aquilo que assinamos no Protocolo de Quioto.

Uma discussão que não acontece no mundo é responsabilizar as pessoas que dirigem os países que poluem. Eu fui a uma reunião com dados e informações do Ministério de Minas e Energia dos Estados Unidos, com dados de 2005. Lá, eu perguntei aos presidentes se todos os países tinham clareza da quantidade de emissão de gases de CO² que cada um jogava no ar. Pasmem: ninguém tinha cuidado de conhecer o que o seu próprio país fazia.



Isso faz parte do comportamento dos políticos. Muitas vezes nós, políticos, nos comportamos como se a economia não nos interessasse, a questão climática.... isso é para técnicos. Quando nós somos perguntados, muitas vezes nós não sabemos aquilo que os nossos próprios técnicos produzem para nos informar. Pasmem: os Estados Unidos, em 2005, foram responsáveis por 22% de todas as emissões de gases do mundo. A China vinha em segundo, com 19%. Mas eu disse na reunião que nós não poderíamos exigir que a China tivesse a mesma responsabilidade dos Estados Unidos, porque a China começou a crescer há pouco tempo e os Estados Unidos crescem há quase um século. Portanto, a responsabilidade tem que ser proporcional àquilo que o país comete de crime ambiental.

Essa discussão, eu confesso a vocês, não encontra muita guarida, porque a verdade é que muita gente ainda não entendeu que o padrão de consumo da Humanidade precisa mudar, que as nossas indústrias precisam se modernizar e que nós não temos mais o direito... ao sabermos, pela inteligência dos nossos cientistas, que o mundo está sendo poluído, nós temos a responsabilidade de cuidar desse mundo, porque a nossa vida é passageira, mas nós renascemos em nossos filhos, em nossos netos e em nossos bisnetos, que têm que herdar de nós, no mínimo, um mundo igual àquele que recebemos de nossos pais.

Nessa discussão também levantamos a questão dos alimentos. Nós também detectamos que uma boa parte do aumento do preço dos alimentos era porque tem mais pobres comendo no mundo. Tem mais chineses comendo, mais indianos comendo, mais africanos comendo, mais latino-americanos comendo e mais brasileiros comendo. Então, é normal que haja aumento de consumo. Mas o outro lado da moeda é que tinha também muitas *commodities* sendo especuladas no mercado futuro a preços absurdos, e também porque os líderes mundiais não cuidaram do estoque regulador que o mundo tem que ter.



Eu vou dar uns números para vocês do estoque regulador de três produtos básicos. Em 2000, o mundo tinha um estoque de trigo de 207 milhões de toneladas; hoje, em 2008, o mundo tem um estoque de apenas 136 milhões de toneladas. Em 2000, nós tínhamos um estoque de arroz de 143 milhões de toneladas; hoje temos apenas 81 milhões de toneladas. De milho, em 2000, nós tínhamos 193 milhões de toneladas e hoje nós temos apenas 112 milhões de toneladas.

Vejam que a produção mundial de trigo, este ano, na última safra, nós produzimos no mundo 670 milhões de toneladas. Vejam que o estoque regulador comparado à produção é muito pequeno. De arroz, nós produzimos 430 milhões de toneladas, e temos uma reserva de apenas 81 milhões de toneladas. É muito pouco o estoque em função da quantidade produzida. E de milho, nós produzimos este ano 790 milhões de toneladas e temos reservas de apenas 112 milhões de toneladas. Ou seja, nós passamos alguns anos consumindo o nosso estoque regulador.

Quando fui agora à reunião do G-20 – eu considero uma das reuniões mais importantes de que eu participei em seis anos de Presidência do Brasil – eu disse aos meus colegas presidentes, primeiros-ministros, que esta é a primeira crise em que nenhum país rico precisa falar em ajudar os países emergentes e os países pobres, porque a melhor ajuda que os países ricos podem dar para os países mais pobres é eles consertarem suas próprias economias, é não permitirem que haja recessão, é não permitirem que haja um aumento do protecionismo ou, quem sabe, uma diminuição dos produtos importados dos países pobres.

Eu acho que este momento – e quem sabe seja motivo para discutirmos na próxima reunião que vai se realizar até o final do mês de março ou no começo de abril – é o momento de a gente pedir para os países ricos continuarem comprando os alimentos dos países pobres e emergentes, para que a gente possa elevar os nossos estoques reguladores pelo menos ao



padrão que nós tínhamos em 2000. Não estaríamos fazendo nenhum esforço gigantesco, a não ser manter uma reserva alimentar para garantir que não aconteça mais o que aconteceu no meio deste ano, com o aumento abrupto dos preços de *commodities*.

Para terminar, eu queria dizer para vocês que ontem eu recebi mais uma boa informação, que está nos jornais de hoje. A Petrobras comunicou, através da sua Agência Nacional de Petróleo, que nós descobrimos mais uma reserva de 2 bilhões de barris de petróleo, com 30 API, portanto, petróleo de boa qualidade. Mas isso não diminui um milímetro da nossa disposição e da nossa convicção quanto à importância dos biocombustíveis. Eu queria alertar os países mais pobres que fazer prospecção de petróleo... nós temos dez ou 15 países no mundo que detêm praticamente 99% do petróleo mundial e gás, e explorar petróleo é muito importante, mas custa muito caro. Uma plataforma custa US\$ 2 bilhões, uma sonda custa pelo menos US\$ 700 milhões. Não são todos os países do mundo que têm petróleo, e não são todos os países do mundo que têm dinheiro para contratar os equipamentos necessários para produzir petróleo.

Mas imaginem a diferença com os biocombustíveis. Por mais humilde que seja um trabalhador – um africano de qualquer país, um brasileiro ou um latino-americano – ele, com um buraquinho de 30 centímetros, pode produzir o seu petróleo, pode gerar emprego e pode produzir uma energia renovável, geradora de emprego, de distribuição de renda e com menos emissão de gás de efeito estufa. Qual é o medo? Nós não queremos que os nossos queridos companheiros da Europa desmontem a sua estrutura agrícola para produzir cana-de-açúcar, até porque não daria certo. Nós não queremos que continuem produzindo álcool de coisa que torna o álcool muito mais caro do que o necessário. Da mesma forma que não gostaríamos que os Estados Unidos estivessem produzindo etanol do milho.



O que nós gostaríamos é que os países ricos, ao adentrarem a era dos biocombustíveis, façam parcerias com os países mais pobres, sobretudo na África, para que a gente possa produzir lá parte dos biocombustíveis que os países ricos desejam. É uma forma de a gente ajudar a desenvolver a África e é uma forma de a gente resolver o problema da migração. Enquanto não tiver esperança, emprego e renda, as pessoas se tornarão nômades, viajando pelo mundo afora. Não adianta aprovar lei que proíba a migração, é preciso que tenha políticas de solidariedade e políticas de desenvolvimento.

Este debate não termina aqui, e também não começou aqui. Nós queremos que este debate se transforme em um debate de vários fóruns, que as Nações Unidas discutam isso. O Brasil está disposto a participar de qualquer fórum internacional, com as ONGs, com os governos, com os contra, com os a favor. O que nós não podemos é falsear uma discussão tão séria como a renovação da nossa matriz energética. O que o Brasil tem a oferecer são os nossos 30 anos de experiência, é o atingimento de 7 milhões de carros *flex-fuel*.

Eu não consigo entender como é que um país que não tem petróleo, não tem a produção da sua própria energia. Eu não consigo entender. Eu sei também que o mundo tem medo de mudança. Tudo o que é para mudar é difícil, é muito difícil. Nós, seres humanos, nos acostumamos com o chão que nossos pés pisam, e toda vez que apresentam uma coisa, mesmo que seja melhor para a gente, a gente tem medo, tem dúvida. “O petróleo já está aí, ele polui, mas está aí. Vamos continuar com o petróleo.” Quando, na verdade, se nós quisermos garantir mais geração de empregos, mais geração de renda e mais preservação ambiental, nós temos que pensar mais seriamente em novas matrizes energéticas no mundo.

Aqui no Brasil, o Ministro da Agricultura me apresentou, na semana passada, o zoneamento agroecológico – não sei se falaste aqui sobre isso – em que a gente vai garantir que na região da Amazônia não terá cana-de-



açúcar, em que a gente vai garantir que os biomas brasileiros serão respeitados. Mas ao mesmo tempo nós vamos, com muita capacidade, expandir a nossa produção de etanol em áreas já degradadas. Vamos recuperar, para poder atender não apenas à demanda do mercado interno, mas para atender... Quem sabe, um dia, o álcool não seja tão feio e tão amaldiçoado por alguns, que impõem sobre ele tarifas que não impõem sobre o petróleo. É muito engraçado também, e um paradoxo: nós oferecemos um combustível limpo, não-polvente e ele é taxado fortemente; e o mesmo petróleo, que é polvente, não é taxado. Então, significa que é preciso tratarmos com mais seriedade a questão ambiental.

Por fim, eu queria dizer para vocês que o Brasil está disposto – sobretudo com os países mais pobres e com o continente africano – a fazer a transferência daquilo que nós conhecemos. Por isso implantamos a Embrapa na cidade de Acra, capital de Gana, para que a gente possa tentar desenvolver no continente africano a mesma proeza que foi desenvolvida no cerrado brasileiro, que começou mais ou menos 40 anos atrás.

Quero agradecer, companheiro Celso, pela idéia deste seminário, sobretudo o sucesso deste seminário, com o comparecimento de mais de 90 delegações. Quero agradecer também àqueles que trabalharam – que muitas vezes não usaram o microfone e nem apareceram aqui na frente – para que a gente tivesse o sucesso que nós estamos tendo neste seminário. Sobretudo, quero agradecer a confiança das delegações estrangeiras que aceitaram o nosso convite para participar deste debate.

Nós não queremos ser os donos da verdade na área de biocombustíveis, mas não queremos permitir que nenhuma falsa idéia ou nenhuma mentira seja contada sobre os biocombustíveis. Por isso, o que nós queremos é discutir.

Um abraço e muito obrigado a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a I Conferência Nacional de Aprendizagem Profissional

Centro de Convenções – Brasília-DF, 24 de novembro de 2008

Quero cumprimentar o Presidente do Senado, senador Garibaldi Alves,
O Ministro do Trabalho e Emprego, companheiro Lupi,
O Ministro da Previdência Social, José Pimentel,
O Ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Luiz Dulci,

A minha companheira Marisa,

Os deputados federais, eu pelo menos vi aqui alguns companheiros.
Estou vendo aqui o Magela na minha frente, vou botar o nome aqui,

Companheiro Cristovam, senador da República,

Meu caro companheiro Antônio Lima Neto, Presidente do Banco do Brasil,

Maria Fernanda Coelho, Presidente da Caixa Econômica Federal,

Companheiro Otávio Brito Lopes, Procurador-Geral do Trabalho,

Nelson Savioli, Superintendente Executivo da Fundação Roberto Marinho,

Laís Abramo, Diretora da OIT no Brasil,

Meu caro Raí, Presidente da ONG “Atletas para a Cidadania” e quero cumprimentar os companheiros e companheiras atletas aqui presentes,

O Clodoaldo, nosso querido nadador,

O Flávio Campos, judoca,

Quero cumprimentar a Patrícia Medrado, tenista,

O Zetti, aprendiz de jogador de futebol,

O Henrique Guimarães, judoca,

A Ana Moser, aprendiz de jogadora de vôlei,



O Ricardo Vidal, atletismo,
A Vanessa Menga, jogadora de tênis,
Quero cumprimentar meus caros aprendizes do Conanda, o Dêncio (inaudível). Acho que foi o Dêncio que falou.

O Luiz Flávio Alves. Você que é o Luiz Flávio Alves? O Luiz é mineiro, o Dêncio é mineiro. O Luiz é de Goiânia, é isso?

Meus companheiros e minhas companheiras,

Vocês sabem que falar de aprendiz... Quero cumprimentar o Pegado, o Calixto, o (inaudível) Oliveira...

Vocês sabem que falar de aprendizado é comigo mesmo. Estou vendo até o Paulo Okamoto, Presidente do Sebrae, que aprendeu a ser ferramenteiro lá em São Bernardo, aprendeu a ser dirigente sindical comigo.

Quero dizer para vocês da minha alegria em ouvir a história deste menino, porque a história dele é a história de outros milhões de meninos e meninas. Lamentavelmente, Raí, nós vivemos um problema, eu não sei se é um problema brasileiro ou um problema mundial. A notícia ruim parece carro de Fórmula 1 e a notícia boa parece um fusquinha sem gasolina. No fundo, no fundo, todo santo dia acontece uma ou outra coisa ruim e todo santo dia acontecem muitas coisas boas. Entretanto, raras vezes nós ficamos sabendo das notícias boas.

Esses meninos são um exemplo disso. Tem muitas ONGs pelo Brasil cuidando dos nossos adolescentes, das nossas crianças. Tem política do governo, o ProJovem, que pretende incluir 4,5 milhões de jovens até 2010, jovens que já tinham desistido da escola, e nós queremos recuperá-los para a escola e para a profissão. E tem muitas outras coisas acontecendo na sociedade. Mas, muitas vezes, nós ficamos sabendo apenas daquela coisa ruim que aconteceu, possivelmente porque não sabemos fazer a comunicação



correta, ou não sabemos fazer com que a notícia boa ande tão rápido quanto a notícia ruim.

Eu sou um aprendiz, comecei com 13 anos de idade. Não cheguei a ser presidente do Banco do Brasil, mas cheguei a ser Presidente da República. Não tenho o poder que tem o Presidente (do Banco) do Brasil, mas tenho o poder de indicá-lo para ser Presidente do Banco do Brasil e eu só poderia contar, como testemunha, não para eles, mas para os jovens que estão aqui, que o aprendizado de uma profissão muda a vida de uma pessoa e muda a vida da família.

Obviamente, esse aprendizado não precisa ser o aprendizado do Raí, que vai jogar na Seleção brasileira e que vai ser bicampeão do mundo pelo São Paulo, não precisa ser assim. Uma profissão bem simples, daquelas que não precisa ir jogar no Paris Saint-Germain, daquelas que fica jogando no Corinthians, por exemplo.

Uma profissão, por mais elementar que ela seja, na medida em que ela tira o menino ou a menina da condição de não saber nada, porque não tem nada pior... quem pratica futebol, qualquer esporte, sabe o seguinte: se chegar alguém em um time para treinar, o boleiro está lá esperando o menino para saber qual a posição, e ele falar “qualquer uma”, ele está fora. Não é possível qualquer uma. Quando você chega na porta de fábrica, em uma loja, em um comércio aqui em Brasília, em um comércio em São Paulo, no Rio de Janeiro, e o lojista pergunta lá para o adolescente que está procurando emprego: “O que você sabe fazer?” “Ah, tudo”. Não sabe fazer nada. Esse, se disser: “Não sei fazer nada”, também não tem possibilidade.

Daí a importância de ter não apenas a lei, de ter não apenas a regulamentação, porque a lei foi regulamentada há pouco tempo, a lei é de 2000. Agora, todo mundo sabe que no Brasil não basta apenas a lei. É preciso a lei, é preciso condições para que essa lei possa funcionar, porque muitas vezes o legislador que faz a lei a faz com tanta rigidez que ela termina até



sendo proibitiva para que alguns empresários se sintam em condições de contratar as pessoas. Se colocarmos muitos obstáculos, termina isso sendo proibitivo de você cumprir o interesse para o qual a lei foi aprovada, que é dar oportunidade aos meninos de aprenderem uma profissão, sem coibi-los e sem proibi-los de estudarem.

Se os empresários brasileiros... Vamos ser francos: do ponto de vista econômico-financeiro, qualquer empresário brasileiro, qualquer empresário – não estou dizendo o micro, que trabalha por conta própria e que vende coisas na rua, esse não vai conseguir. Mesmo assim, muitos têm... – qualquer empresário brasileiro pode ter um grupo de menores aprendizes trabalhando com ele. Não é um problema econômico. O problema, e como você é ministro do Trabalho, eu sou presidente da República e aqui tem muita gente importante, o problema é que, muitas vezes, o empresário não contrata com medo do que vem depois. Não contrata com medo de depois, depois de dois anos entrar na Justiça, vir um procurador do Ministério do Trabalho ou alguém entrar com um processo. Tem uma série de coisas que são até mais graves do que a própria lei, é o chamado pânico do que vem depois. E nós só vamos mudar isso com a precisão da legislação e com a capacidade que a gente tenha de construir parcerias.

Daí porque, Maria Fernanda e Lima Neto, é importante que as empresas públicas brasileiras cumpram com a sua parte para que os empresários privados não tenham medo de cumprirem com a sua parte. Ninguém está propondo colocar crianças, adolescentes em locais insalubres, ninguém está pensando em colocar em lugares perigosos, ninguém está pensando em colocar esses meninos e meninas para trabalhar e parar de estudar. Nada. O que nós queremos é apenas ser uma luz no começo do túnel, não no fim do túnel, para que esses jovens percebam que há uma oportunidade para eles.

Eu fui a São Paulo agora, Raí, lançar o Bolsa Atleta. Nós agora vamos estender para mais de 3,3 mil atletas brasileiros desde uma bolsa de R\$ 300



para um atleta que está disputando uma competição estudantil até R\$ 2.500 para aqueles que já estão, como o Clodoaldo, participando de Olimpíadas, Paraolimpíadas, ou seja, nós estamos pensando em cumprir isso. Fiquei muito feliz porque alguns governadores de estados também estão pensando em criar bolsas para permitir que jovens pobres da periferia, que muitas vezes não têm dinheiro nem para comprar um tênis... às vezes têm o tênis e não têm o local adequado para correr e, de vez em quando – eu disse lá em São Paulo – aparecem os milagres. Aparece uma cortadora de cana que vira campeã da São Silvestre, mas isso é uma vez ou outra. O que nós precisamos é criar os nossos bons profissionais, dando a eles as condições adequadas para que eles treinem e possam competir com quaisquer outros jovens de qualquer outro país.

Na questão da profissão é a mesma coisa, ou seja, o Brasil entrou definitivamente no caminho de se transformar em um país desenvolvido e nós sabemos, com o crescimento da economia, quanta mão-de-obra qualificada está faltando no mercado. E por que está faltando mão-de-obra qualificada no mercado? Porque, por exemplo, a construção civil – e aqui deve ter empresários da construção civil – teve praticamente 20 anos em que ela deixou de crescer. Na medida em que a construção civil deixa de crescer, começa a diminuir a formação de engenheiros nas universidades brasileiras. As pessoas vão tentando se formar naquela profissão da moda. Aí muita gente se forma, cai o salário daquela profissão, as pessoas vão procurando outras. Muita gente foi embora.

Nós estamos precisando de técnicos – a Petrobras está com um processo imenso de formação profissional, e deve ter parceria com o Ministério do Trabalho – para que a gente possa dar vazão à capacidade de investimento da Petrobras. Acho que são 70 mil jovens da Petrobras, 70 mil jovens já previsto, para que a gente possa preparar os brasileiros que daqui a alguns anos vão assumir a exploração do petróleo na camada pré-sal, que está a seis



ou sete mil metros de profundidade. Isso vai levar alguns anos. Pela criatividade do povo brasileiro, a gente pode competir com outros países na prestação de serviço, por exemplo, na questão dos call centers. Os jovens brasileiros têm mais criatividade. Essa mistura de europeu, índio, negro permitiu que nascesse um povo mais criativo, mais esperto que a média daqueles que estão tudo assim, é tudo a mesma coisa. É como determinado setor público. O setor público, tem uma parte dele que aprendeu a dizer sim ou não. Se tiver alguma coisa no meio, ele não sabe como fazer.

Então, o brasileiro, nesse aspecto, tem um potencial extraordinário. Eu acho, Lupi, que não é impossível cumprir a meta de 800 mil jovens até 2010. Agora o importante é não ficar apenas no campo da intenção. Você tem a lei, ela está regulamentada. Você tem a proposta dos atletas que é para que os setores públicos federal, estadual e municipal cumpram com a sua parte. Se nós cumprirmos com a nossa parte, vamos motivar comerciantes e empresários a cumprirem com a sua parte. E quando menos a gente esperar diminuiu o número de criminalidade no País, diminuiu o número de violência e de jovens mortos na rua e a gente vai pensar que é atuação da polícia. Aí vai aparecer algum especialista dizendo para nós: “Olha, diminuiu porque a meninada teve oportunidade, foi estudar e pôde encontrar o emprego, e resolveu que o emprego era melhor do que ser criminoso ou ser marginal”.

Participar de um ato como este é contar história de vida. Eu não cheguei a ganhar o dinheiro que o Zetti ganhou, e esse menino ganhou muitas vezes sem merecer, porque poderia ter ganhado mais se jogasse no Corinthians, sobretudo na segundona. Eu, com um diploma do Senai – eu digo isso sempre para vocês prestarem atenção, sobretudo a meninada – eu, por causa de um diploma do Senai, Cristovam, fui o primeiro de oito filhos a ter uma casa, fui o primeiro a ter uma televisão, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro a ter um carro. Isso, por conta de uma profissão que eu aprendi. Depois, fui o



primeiro a chegar a presidente da República. Os outros são mais velhos do que eu, certamente terão mais dificuldade.

Por isso, parabéns, Lupi, parabéns, Raí, parabéns aos atletas, parabéns aos empresários, parabéns aos (inaudível) pelo trabalho, que eu sei que você está engajado nisso há muitos e muitos anos e o gesto de vocês apenas indica para mim o seguinte: vale a pena a gente acreditar que é possível fazer uma coisa.

Vejam um exemplo: todo mundo está vendo uma crise internacional 24 horas por dia nos meios de comunicação. Todo mundo está vendo. Agora, todo mundo está percebendo também que de todos os países do mundo, dos Estados Unidos à Alemanha, passando pelo Japão, pela Coreia, indo à China e à Índia, o Brasil é, neste momento, o país mais seguro e mais preparado para enfrentar esta crise, porque nós acreditamos.

Então, eu queria agradecer a vocês e, terminado o ato, Lupi, eu queria dizer o seguinte: nós estamos vivendo um momento de tristeza no Brasil, vocês estão acompanhando o que está acontecendo em Santa Catarina. Eu acabei de falar com o Governador quando eu vinha para cá. Já morreram 51 pessoas. A água já está baixando na cidade de Blumenau, onde morreram dez pessoas, mas 90% de Itajaí e da região estão cobertas de água. Nós mandamos para lá os aviões da Aeronáutica para fazer, começar o processo de resgate. Amanhã vão vários ministros para lá, para ver o que é possível fazer, recuperar várias estradas. Estamos entrando no final do ano. Muita gente visita Santa Catarina, muita gente vem de outros países e várias estradas estão totalmente desmontadas.

Então, eu queria pedir para vocês não terminarem festejando, como sempre, mas a gente terminar isso aqui homenageando com um minuto de silêncio as vítimas das enchentes de Santa Catarina.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do 3º Congresso Mundial de Enfrentamento à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes

Rio de Janeiro-RJ, 25 de novembro de 2008

Sua Majestade, rainha Sílvia, da Suécia, em nome da qual eu cumprimento as primeiras-damas e convidadas especiais estrangeiras presentes a este Congresso,

Minha companheira Marisa,

Senhora Mariza Gomes, esposa do meu Vice-Presidente,

Ministros aqui presentes,

Parlamentares,

Empresários,

Representantes de ONGs,

Governadores de estados,

Prefeitos,

Militantes deste movimento extraordinário que luta contra a exploração sexual,

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro e sua senhora, Adriana,

Representantes de 137 países que estão presentes neste 3º Congresso,

Quero apenas alertar o meu intérprete, Sérgio, que eu vou falar devagar, mas não vou ler o meu discurso porque, lamentavelmente, eu estou com uma hora e meia de atraso para o compromisso com o Presidente da Rússia.

Quero deixar apenas uma mensagem para os delegados e delegadas deste 3º Congresso. Este é um assunto que, no Brasil, nós tratamos na Constituição de 1988. É um assunto que depois foi regulamentado – seis



meses depois – no Estatuto da Criança e do Adolescente. Isso fez com que nós descobríssemos que é preciso uma legislação dura, que é preciso acabar com a impunidade, mas não é apenas isso. Eu tenho certeza de que neste Congresso, se a gente permitir que as crianças que estão aqui participando falem, e se a gente permitir que os especialistas aqui falem, certamente nós poderemos dar passos importantes para encontrar soluções mais rápidas para esse caso.

A exploração sexual é um dos temas tão importantes para a Humanidade que não pode ser tratado com nenhuma hipocrisia, não pode ter hipocrisia neste tema. É preciso convencer os pais, no mundo inteiro, de que a educação sexual dentro de casa é uma obrigação tão importante quanto dar comida todos os dias para a criança sobreviver. É preciso convencer os estados de que não existe nenhuma lógica em não ter educação sexual nas escolas – como propuseram os dois primeiros meninos que falaram – a partir dos dez anos de idade.

O que nós não ensinarmos com metodologias corretas dentro de casa e na escola, os nossos adolescentes e as nossas crianças aprenderão, até de forma animal, nas ruas ou nos recantos dos bairros onde moram. É preciso acabar com a hipocrisia religiosa, de não permitir que temas importantes como este sejam tratados à luz do dia. E vale para todas as religiões. Este é um tema crucial que não tem cor, que não tem classe social e que não tem idade, porque a verdade é que uma criança adolescente, seja de dez, 12 ou 14 anos, muitas vezes é levada a vender o seu corpo atrás de um prato de comida. Mas quem a leva à prostituição, ao crime, na verdade, são pessoas que têm dinheiro para montar bares, boates e lugares em que levam essas crianças. E os que se utilizam dessas crianças também, muitas vezes, têm poder aquisitivo e não precisariam fazer isso com crianças e adolescentes.

É importante que nós não tratemos este assunto como uma questão de pobreza. É importante que a gente não trate a questão da exploração sexual



apenas como uma questão dos pobres. É importante que a gente saiba que muitas vezes a exploração sexual, não por um prato de comida, mas por apetite de resolver o problema animalesco de quem o pratica, é feita por classes médias no mundo inteiro, por pessoas que tiveram educação, por pessoas que têm recursos.

Há um outro ingrediente, além do econômico: é o processo de degradação a que está submetida a Humanidade, a partir da família, pela qualidade das informações que nós recebemos pelos meios de comunicação 24 horas por dia. Na hora em que a família entra em um processo de degradação, que passa pelo econômico, pelo social, mas que passa pelo que ela vê na televisão 24 horas por dia... Quem tem, sobretudo, televisão a cabo, sabe do que eu falo: é sexo de manhã, de tarde e de noite; é violência de manhã, de tarde e de noite. Quantos programas culturais nós temos nas televisões para que as crianças possam ver às 7 horas da manhã, às 10 horas, ao meio-dia, às 2, 3 horas da tarde?

Eu assinei essa lei agora, aumentando a punição dos crimes de pedofilia pela internet, porque uma CPI realizada no Brasil provou que são mais do que bárbaras as cenas que a gente vê na internet, feitas por gente quase rica ou rica, para ficar mais rica às custas da exploração de crianças e de adolescentes.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, convidados, delegados e estrangeiros aqui presentes,

Por favor, não pensem apenas nos recursos que os Estados têm para gastar ao tomarem a decisão de vocês e as sugestões. Não pensem apenas na legislação que cada Congresso, em cada país, pode fazer para acabar com este assunto. Coloquem a alma de vocês para falar, quem sabe, mais do que a razão da consciência, porque este é um tema que, além da paixão, exige um pouco do radicalismo do ser humano para que ele seja mais humano e menos animal, como muita gente tem sido neste planeta Terra.



É importante uma posição muito forte deste Congresso que, ainda assim, não permitirá que nós acabemos com esse drama da exploração sexual de crianças e adolescentes, e talvez nem com outro congresso. Mas eu sou um homem que tenho fé e que acredito que um dia a gente pode – com atitudes, com gestos e com políticas – acreditar que é possível, com congressos como este, com gente como vocês, criar um ser humano mais justo, mais solidário e, sobretudo, aquele animal racional que todos nós pensamos que é o ser humano e que, muitas vezes, tem muita gente irracional no nosso Planeta.

Eu queria só dizer para vocês que Deus abençoe a consciência de cada um de vocês e que, ao terminar este Congresso, as decisões daqui não podem ficar apenas para que nós debatamos no próximo congresso. É preciso que elas sejam instrumento de combate e de luta para que a gente possa, no mundo inteiro, concomitantemente, acreditar que não é porque é negro, não é porque é latino-americano, não é porque é asiático, não é porque é pobre, que precisa continuar a exploração sexual de crianças e de adolescentes. É muito mais: é quase uma questão de ética e de moral e, por que não dizer, é quase uma questão de vergonha da espécie humana, de praticar crimes tão horrendos.

Boa sorte e muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço em homenagem ao Primeiro-Ministro da República de Cingapura, Lee Hsien Loong

Palácio Itamaraty, 25 de novembro de 2008

Senhor Lee Hsien Loong, Primeiro-Ministro da República de Cingapura,
Senhores ministros de Estado do Brasil,
Senhores ministros de Cingapura,
Empresários do Brasil e empresários de Cingapura,

É com grande satisfação que recebemos o Primeiro-Ministro Lee Hsien Loong, de Cingapura. Vossa Excelência dirige país que soube combinar bem-estar social com soberania e desenvolvimento.

Em 2009, espero ter a oportunidade de visitar seu país e conhecer de perto suas notáveis realizações.

Senhor Primeiro-Ministro,

A visita de Vossa Excelência ao Brasil consolida um diálogo que já dá importantes frutos. Nos últimos cinco anos, nossas trocas comerciais cresceram 230%. Este ano, devemos superar a marca de 3 bilhões de dólares.

Cingapura vem se tornando importante fonte de investimentos em setores prioritários para o desenvolvimento industrial e energético do Brasil. Apostou na construção naval e nos equipamentos para prospecção de petróleo. São áreas que se tornaram ainda mais promissoras com a descoberta de novas reservas de petróleo e gás no pré-sal.

A abertura em São Paulo de escritório da agência governamental de investimentos de Cingapura, a Temasek, confirma a aposta que Cingapura fez no futuro do Brasil. Empresas brasileiras estão abrindo escritórios e subsidiárias em Cingapura para explorar suas vantagens comparativas e sua localização estratégica. A Embraer, por exemplo, instalou lá um centro de treinamento e de



manutenção. Essas iniciativas contribuem para realizar o potencial de duas economias diversificadas e abertas às oportunidades da globalização.

Estamos bem preparados para enfrentar os efeitos da crise financeira internacional. Ao estimular o comércio e os investimentos bilaterais, geramos novos negócios, renda e emprego. Protegemos a economia real de um contágio maior.

Por isso, convido os homens de negócios de Cingapura para apostar no nosso Programa de Aceleração de Crescimento. Estão previstos investimentos públicos e privados de grande magnitude, sobretudo em setores de infraestrutura, onde é notável a competência das empresas de Cingapura.

Meu caro Primeiro-Ministro,

Queremos multiplicar o potencial de nossa parceria por meio de projetos de cooperação em campos estratégicos.

Assinamos, hoje, Acordo bilateral sobre Serviços Aéreos e um Memorando de Entendimento sobre Ciência e Tecnologia, com ênfase em Saúde Pública. Esse segundo instrumento habilita Cingapura e Brasil a compartilharem avanços em áreas de ponta como informática e fármacos.

No momento em que a comunidade internacional debate os caminhos da segurança energética, estamos engajados na diversificação de nossas matrizes energéticas e na produção dos biocombustíveis. Sei que Cingapura realiza pesquisas sobre biodiesel e quer conhecer melhor o potencial do etanol. São extraordinárias as possibilidades de desenvolvermos projetos conjuntos de pesquisa, abrindo caminho para a expansão dessas fontes limpas e baratas de energia em toda a Ásia.

Senhoras e senhores,

A crise financeira mundial mostrou a urgência de reformularmos instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Precisamos torná-las mais transparentes e, sobretudo, mais representativas.

Os líderes do G-20, reunidos em Washington, confirmamos, também, que a conclusão da Rodada de Doha enviará uma mensagem de estímulo aos



agentes econômicos neste momento de turbulência e incerteza. Nossa capacidade de resposta às transformações na ordem mundial passa pela reforma da ONU. Assim estaremos equipados para lidar com complexos desafios, como mudança do clima e segurança alimentar.

Por isso, agradeço o apoio de Cingapura ao ingresso do Brasil como membro permanente de um Conselho de Segurança ampliado. Quero agradecer ainda a contribuição de Cingapura para os excelentes resultados da Primeira Reunião Ministerial Mercosul-Asean, celebrada ontem em Brasília.

Com esse encontro, demos um primeiro passo para aproximar duas regiões que estão afirmando seu lugar na nova ordem internacional em construção.

Nessa caminhada, Cingapura poderá sempre contar com o apoio e a solidariedade do Brasil.

Meu caro Lee,

Com confiança e otimismo no futuro de nossas relações bilaterais, convido todos a erguer um brinde à amizade entre nossos países, e à saúde e à felicidade de Vossa Excelência e do povo de Cingapura.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante entrega do 2º prêmio Práticas Inovadoras de Gestão, 1º Prêmio Nacional de Estudos, 1ª Mostra Nacional de Estudos e prêmio Josué de Castro de Boas Práticas em Gestão de Projetos em Segurança Alimentar e Nutricional

Academia de Tênis – Brasília-DF, 25 de novembro de 2008

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias,

Meu querido companheiro ministro da Saúde, José Gomes Temporão,
Governadora do estado do Pará, Ana Júlia Carepa,

Nosso querido governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,
Senhora Ana Maria de Castro,

Senhoras e senhores agraciados, Nádia Lúcia da Costa Soares, Viviane dos Santos, Faisão Cury, Felipe Evia, Luiz Carlos Bazel e Walmir Assunção,

Companheiros deputados federais Eugênio Rabelo, Fernando Ferro e Doutor Ubiali,

Meus amigos, minhas amigas,

Companheiros e companheiras da área de gestão social,

Patrus, eu estou com um problema de tempo, porque tenho que ir ao Rio de Janeiro e pegar o voo às 5h. Portanto, hoje não terá improvisado, será apenas o meu escrito aqui, curto, sem ser grosso.

Primeiro, eu acho que nós precisamos, aqui, depois da extraordinária citação do companheiro Patrus, Rosane, eu penso que nós deveríamos –



ontem eu já prestei, num evento – prestar outra homenagem. Eu queria pedir para que todos, de pé, a gente prestasse uma homenagem às vítimas das enchentes de Santa Catarina. Muito obrigado.

A premiação de hoje demonstra que o combate à pobreza e à fome não pode ser uma ação isolada do governo federal. Deve ser, e é fruto de uma extraordinária articulação federativa, na qual os estados e os municípios desempenham um papel fundamental.

Esta premiação demonstra, ainda, que o Bolsa Família, além de ser o maior programa de transferência de renda do mundo, e a garantia de uma vida mais digna para 11 milhões de famílias brasileiras, guarda muitas outras virtudes. Ele é também um laboratório permanente de prática de gestões inovadoras, de boas idéias que se tornam bem-sucedidas ações de inclusão social e redução das desigualdades históricas.

Trata-se, sim, de dar o peixe, porque ninguém, em sã consciência, pode admitir a existência de seres humanos famintos, tão desnutridos que já não encontram forças para lutar pela própria sobrevivência. Mas trata-se também de ensinar a pescar, de gerar oportunidades, de garantir às parcelas mais pobres da população direitos e oportunidades que lhe foram historicamente negados, e de interromper o ciclo de pobreza que passa de pai para filho, geração após geração, feito um mal hereditário.

Companheiros e companheiras,

Apenas para o 2º Prêmio Práticas Inovadoras na gestão do programa Bolsa Família, foram quase 700 inscrições vindas do Brasil inteiro, cada uma delas contando uma história de final feliz. Histórias que falam de acesso à educação e saúde, conquista da casa própria, capacitação para o mercado de trabalho, inclusão produtiva, e até mesmo acesso à universidade, sonho até pouco tempo impossível para muitas pessoas deste país.

Quero destacar os esforços de estados e municípios para levar o Bolsa Família aos mais excluídos entre os excluídos. Falo das populações de rua,



indígenas, quilombolas e famílias resgatadas do trabalho escravo. Nesses casos, o programa agrega mais uma importante função, além da transferência de renda. Torna-se um instrumento por meio do qual é possível reconhecer direitos e promover a justiça social.

Aproveito também a ocasião para cumprimentar a comunidade acadêmica pela sua participação no 1º Prêmio Nacional de Estudos sobre o programa Bolsa Família.

Seja pelo volume de famílias beneficiadas, seja pelos resultados que ele vem demonstrando em relativamente poucos anos, o Bolsa Família é, certamente, um vasto processo de transformação que vem despertando o grande interesse das comunidades científicas.

O que mais me traz alegria, contudo, é que os trabalhos inscritos neste Prêmio, certamente ajudarão nossos gestores a tornar o Bolsa Família ainda melhor. E farão isso ao contribuir para o aprimoramento, a sistematização e a divulgação do conhecimento produzido sobre o tema. Esta é mais uma demonstração de que o combate à pobreza e à fome é uma luta de todos.

Para terminar, quero dizer que é motivo de orgulho para qualquer governo entregar um prêmio cujo nome homenageia um brasileiro exemplar. Josué de Castro fez do combate à fome sua principal razão de viver. Nada mais justo que reconhecer e premiar aqueles que continuam sua luta.

O prêmio Josué de Castro recebeu a inscrição de 79 ações, todas da maior importância. São bancos de alimentos, restaurantes populares, cozinhas comunitárias, acesso à água para consumo humano em comunidades remotas, criação de animais de pequeno porte em território indígena, construção de cisternas e muitas outras ações que certamente deixariam Josué de Castro feliz.

O pensador saberia, como nós sabemos, que ainda há muito a avançar, ainda não resolvemos todos os nossos problemas, nem conseguimos atingir o grau de justiça social a que todos aspiramos. A felicidade de Josué de Castro



viria, sobretudo, de poder ver, no Brasil, tanta gente engajada no enfrentamento da fome e da pobreza. E tantas soluções criativas e solidárias, que estão mudando para melhor a vida de uma parcela significativa de nossa população.

Apenas um dado, um improviso muito curtinho aqui, para não atrapalhar o meu avião. Vocês estão acompanhando o noticiário dos jornais, e certamente vocês estão vendo uma crise muito forte que nasceu no coração dos chamados “países desenvolvidos” do mundo. Começou nos Estados Unidos, mas já chegou na Europa. E nós temos dito, sistematicamente, que o Brasil é o país mais preparado para enfrentar essa crise, porque nós temos um potencial de mercado interno que muitos países desenvolvidos não têm mais.

Nós tomamos algumas medidas iniciais, que foram muito importantes. A primeira medida que nós tomamos era tentar disponibilizar recursos do compulsório para irrigar o crédito no Brasil, para manter as pessoas comprando e as empresas produzindo. A segunda, foi ter uma atenção especial para a construção civil, ao permitir que as empresas que estão construindo, depois de 20 anos sem fazer muita coisa, continuem construindo, porque isso gera muito emprego e, portanto, gera também melhoria da qualidade de vida das pessoas. A terceira coisa que nós fizemos foi garantir capital de giro para a chamada pequena e média empresa que, muitas vezes, por conta de falta de dinheiro, não consegue tocar o seu dia-a-dia, fechando a empresa ou até dispensando trabalhadores.

Além dessas coisas que nós já tomamos atitude, teve uma que nós tomamos atitude que foi também irrigar os bancos que financiam a venda de automóveis, porque a indústria automobilística representa 24% do PIB industrial brasileiro e nós não queríamos que esse setor sofresse um revés muito grande por falta de dinheiro para emprestar aos consumidores.

Eu queria dizer isso para vocês porque, de vez em quando, aparece nas televisões e nos jornais o Presidente da República falando que as pessoas têm



que comprar. E é muito importante dizer isso para vocês, pelo seguinte: na medida em que todo mundo fala em crise, na medida em que você toma café de crise, almoça crise, janta crise, sonha crise, acorda com crise, de domingo a domingo, isso vai criando um determinado pânico na sociedade, ou vai criando muita dúvida na sociedade, as pessoas começam a se retrair.

Então, o trabalhador, aquele que trabalha, pensa assim: “Eu não vou fazer a compra da minha televisão, da minha geladeira, do meu carro, do berço do meu filho, do guarda-roupa novo, do material de construção que eu preciso, porque eu tenho medo de perder o emprego”. O que eu quero dizer é que ele corre o risco de perder o emprego se ele não comprar, porque ele não comprando, o comércio não encomenda para a indústria, a indústria não produz, não produzindo não tem emprego, e aí os trabalhadores correrão o risco de ficar sem o tão temido emprego, que ele tanto quer segurar.

Essa lógica da economia precisa ser muito mais forte no nosso país, porque nós estamos experimentando uma coisa de crescimento que a gente não pode abandonar. Nós temos um mercado interno muito forte, um mercado interno que pode crescer muito mais, porque no Brasil muita gente não tem ainda os bens que outros povos já têm: a casa, o carro, a televisão, a geladeira, o computador e tantos outros bens. Portanto, nós temos um mercado potencial para vender. Nós temos empresas com capacidade de produzir, e nós não estamos envolvidos na crise de crédito que os outros países estão.

Nós tivemos dificuldades, é verdade, mas a cada dia que passa, o crédito vem entrando mais ou menos em ordem aqui no Brasil. Num primeiro momento, todo mundo ficou com medo de emprestar dinheiro, e parece que muita gente sentou em cima do dinheiro que tinha. E nós, do governo, vamos fazer todo um esforço para não permitir que a economia brasileira seja desativada, porque nós demoramos 20 anos para conseguir crescer, não vamos jogar isso fora agora.



Então, é preciso encorajar os empresários a continuarem produzindo, os trabalhadores a continuarem consumindo, o comércio a continuar fazendo cada vez mais vendas a juros mais baratos, que o sistema financeiro reduza o preço dos juros. Também não é justo, com uma crise, aumentar juros, aumentar prestações, ou seja, nós vamos dificultar as pessoas a terem acesso aos bens materiais.

Eu estou dizendo isso para dizer para vocês que não haverá um centavo de corte em nenhum programa social que está em andamento neste país. Não adianta alguém dizer que o governo tem que gastar as suas despesas. O governo, no que se trata de custeio... nós vamos tentar cuidar para que o governo não gaste mais do que tem que gastar. Mas, em se tratando de política social, eu tenho consciência de que cada real que a gente transfere e que leva um benefício ao pobre, nós estamos fazendo um grande investimento neste país, que vai permitir a essas pessoas, cada vez mais, se transformarem em cidadãos.

Por último, aos premiados e às premiadas: possivelmente vocês não tenham dimensão do significado para nós, do governo, e eu acredito que sobretudo para o ministro Patrus, de uma pessoa que ganha um prêmio. Nós gostaríamos que tivessem cinco mil Prefeituras inscritas, que tivesse muito mais gente. Mas nós sabemos que tudo tem um começo, e as pessoas vão aprendendo e vão se aprimorando.

Eu agora, Patrus, mais ou menos no dia 15 de janeiro – eu não sei se é dia 15 ou um pouco mais ou um pouco menos –estou convocando uma reunião de prefeitos. Você viu que todo ano tem uma marcha de prefeitos aqui em Brasília, que me apresentam uma pauta de reivindicação. Eu, em janeiro, quero apresentar uma pauta de reivindicação do governo federal para os prefeitos. Por que eu quero fazer isso? Porque eu estou convencido de que as políticas públicas do governo federal só chegarão lá na ponta se os prefeitos estiverem engajados e se os governos dos estados estiverem engajados nessa política.



Eu vou dar dois exemplos aqui, que sempre me incomodam. Eu sempre falo para o companheiro Patrus: “Patrus, eu ando por lugares, no Brasil, e eu encontro gente pobre que não está recebendo o Bolsa Família”. Se a gente fez o Programa para ajudar as pessoas mais pobres, significa que o Poder Público não chegou àquela pessoa. Então, é preciso que agora que a gente já cadastrou todas as pessoas do perímetro urbano das cidades, que a gente vá aos grotões de cada cidade para saber quais as pessoas que ficaram de fora e a gente contemplar. O meu risco, o meu medo é de que tenha gente recebendo, que já não precisa mais receber – porque nós geramos 11 milhões de empregos neste país, nesse período – e que tenha gente que tenha que entrar e não está entrando.

Fiquei muito feliz ontem, porque o Patrus me apresentou uma nova lista de companheiros e companheiras que vão receber o Bolsa Família: são mais de 20 mil catadores de papel, são mais de 50 mil indígenas no País, são dezenas de milhares de companheiros quilombolas, que são a parte mais distante da sociedade, que possivelmente a gente ainda não tivesse atingido. Esse é um problema.

O outro problema é a questão da mortalidade infantil. O ministro Temporão já foi embora. Mas, na hora que a gente faz, pega o estudo do IBGE e vê o índice de mortalidade infantil no Brasil, e você vê que o Brasil tem 27 mortos por cada mil crianças que nascem, a gente percebe que na região Sudeste isso cai para 14, para 12, para 13, para 15, e que no Nordeste sobe para 47, no Norte sobe para 40. Essa média do Norte e do Nordeste aumenta muito o percentual da mortalidade infantil no Brasil. Se você pegar a desnutrição infantil, vai perceber a mesma coisa. Se você pegar o analfabetismo, vai perceber a mesma coisa. Quando você chega no Norte e no Nordeste, pula para um montante tão alto que ele desequilibra a média nacional.

Então, se a gente quiser resolver esse problema, de fato, não é o meu



companheiro Fernando Haddad que vai conseguir acabar com o analfabetismo, aqui de Brasília. Se a gente não tiver uma política combinada com os prefeitos, em cada cidade, para que cada prefeito sinta o desafio de sentir orgulho de, na sua cidade, não ter mais nenhum analfabeto, e sobretudo nas regiões mais pobres, a gente não vai conseguir vencer no tempo que nós precisamos vencer, essa parceria.

Uma outra coisa: desmatamento na Amazônia. Vocês, de vez em quando, pegam na imprensa: “aumentou o desmatamento na Amazônia”. O governo federal já tem mapeado. São poucos estados e 36 cidades onde acontece o grosso do desmatamento ou das queimadas.

Então, em vez de a gente ficar brigando pela imprensa, é melhor chamar os governadores desses estados e os prefeitos das cidades que têm mais queimadas e pactuar com eles uma política de co-responsabilidade, em que o prefeito seja o principal fiscal, na sua cidade, de evitar o desmatamento. Se nós conseguirmos fazer esse jogo combinado, em que o governo federal possa até repassar ajuda para que as coisas possam acontecer, nós não vamos resolver parte dos graves problemas, aqui de Brasília.

Eu já pedi ontem, na reunião ministerial, que cada ministro faça um levantamento das coisas que tem em parceria com o Poder Público municipal e que tem dificuldade. Para quê? Para a gente aperfeiçoar. Também não é culpar o prefeito, não. É a gente tentar descobrir a deficiência, porque a coisa não está andando tão rápido, para que a gente possa ajudar esse prefeito a cumprir com aquilo que é, no frigor dos ovos, o objetivo principal do governo, do estado e do município. Se a gente combinar esse jogo, eu acho que vai resolver parte dos problemas que nós ainda não conseguimos resolver.

Portanto, meus companheiros e minhas companheiras, (inaudível) que se tiver uma crise mais forte, a gente pode até não aumentar os benefícios, mas podem ter certeza de que não haverá crise no mundo que me faça tirar um centavo dos pobres que estão recebendo nesse instante, neste país.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado. Parabéns e boa sorte.

(\$211A)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos com o Presidente da Federação Russa, Dmitri Medvedev

Rio de Janeiro-RJ, 26 de novembro de 2008

Excelentíssimo senhor Dmitri Medvedev, presidente da Federação Russa,

Senhores ministros e integrantes da comitiva russa,

Senhores parlamentares da delegação russa,

Senhores ministros que me acompanham nesta viagem,

Senhoras e senhores jornalistas russos e jornalistas brasileiros,

É uma honra e uma alegria receber o Presidente da Rússia, Dmitri Medvedev, no Rio de Janeiro, a bela e antiga capital do Brasil. Sua primeira visita ao nosso país coincide com a celebração dos 180 anos de nossas relações diplomáticas.

Brasil e Rússia são países mais próximos do que a distância geográfica sugere. Gigantes territoriais com populações numerosas e etnicamente diversas, abrigamos economias complexas. Possuímos culturas ricas e criativas, e estamos presentes nos debates dos mais importantes temas da agenda global. Compartilhamos do compromisso com uma ordem internacional multipolar e mais justa.

Isso nos levou a estabelecer uma parceria estratégica e uma aliança tecnológica às quais queremos dar significado concreto, ampliando e aprofundando nossa cooperação. O presidente Medvedev e eu conversamos sobre o momento promissor de nossas relações bilaterais. O comércio entre nossos países mais do que triplicou desde 2003. Em setembro deste ano já superamos os US\$ 6 bilhões. Empresas brasileiras instalaram-se na Rússia,



onde também exportam para países vizinhos. Hoje o maior mercado consumidor de carnes brasileiras fora do próprio Brasil é o mercado russo.

Mas nossos fluxos de comércio e investimento podem e devem crescer muito mais. Precisamos ir além das *commodities*, ampliando e incluindo nas nossas pautas exportadoras produtos de maior valor agregado. Tenho certeza de que o evento empresarial realizado aqui no Rio de Janeiro contribuirá para isso.

Falei com o Presidente russo sobre as oportunidades que o nosso Plano de Aceleração do Crescimento oferece. A Rússia poderia fornecer equipamentos para as novas usinas hidrelétricas que estão sendo construídas no Brasil. Gostaríamos de poder contar com a participação e a experiência russas na construção de ferrovias no Brasil e em outras obras de infraestrutura.

No setor energético, saudamos a instalação da Gazprom no Brasil, onde já coopera com a nossa Petrobras. As autoridades russas que participaram da Conferência Internacional dos Biocombustíveis viram o imenso potencial de cooperação e de negócios que existe nessa área.

A cooperação tecnológica e espacial merece lugar de destaque. A Rússia já vem colaborando com o Brasil na modernização do nosso veículo lançador de satélites. Identificamos setores prioritários em nanotecnologia, biotecnologia e tecnologia da informação. O Acordo de Cooperação Técnico-Militar que assinamos permitirá o desenvolvimento de novas tecnologias na área da defesa.

Sabemos que para estreitar os laços bilaterais precisamos aproximar nossos povos. Com a assinatura do acordo para a supressão de vistos de curta duração em passaportes comuns, o fluxo turístico entre nossos países certamente vai aumentar. Nossas sociedades vão se conhecer melhor, nossas culturas estão se descobrindo. A escola do Teatro Bolshoi, em Santa Catarina, é referência de sucesso, não só na formação profissional de artistas brasileiros,



mas também na sua missão social, ao privilegiar jovens e adolescentes de comunidades carentes. Espero que tenham o mesmo êxito as escolas de futebol brasileiro em Moscou e Krasnodar.

Senhoras e senhores,

O presidente Medvedev e eu estivemos há poucos dias, em Washington, na reunião do G-20. Ali, discutimos com outros líderes soluções para a grave crise que assola o mundo. Defendemos a criação de mecanismos de regulação transparentes e eficazes, e coincidimos em que países como os nossos têm um papel indispensável nesse processo. Precisamos reativar a economia real para a produção de riquezas, evitar tentações protecionistas. Por isso, trabalhamos pela conclusão da Rodada de Doha, queremos fortalecer a OMC. A adesão da Rússia vai tornar a Organização mais representativa.

Nossos países concordam quanto à necessidade de reforma urgente das Nações Unidas. Ampliar o seu Conselho de Segurança é indispensável para garantir sua representatividade e eficácia. Agradeço o apoio da Rússia à aspiração brasileira de ocupar lugar permanente em um Conselho reformado.

O presidente Medvedev e eu também celebramos os avanços dos BRICs como fórum de diálogo e de ações comuns. Nossos países representam uma força poderosa no diálogo sobre questões de interesse global. Temos grandes expectativas para a Primeira Cúpula Presidencial do grupo, a realizar-se na Rússia, em 2009.

Saudamos, também, a crescente aproximação do Mercosul com a Rússia. Já existe um acordo para impulsionar o diálogo político e a cooperação. Essa parceria pode ser expandida, levando em conta o papel central do Bloco no processo de integração na América do Sul.

Meu caro amigo e presidente Medvedev,

No Brasil, sempre admiramos as realizações da nação russa: sua história, seu desenvolvimento científico, a vastidão e riqueza de sua produção artística, seus feitos esportivos. O povo russo mostrou ao mundo sacrifício e



coragem, determinação e superação, quando teve em suas mãos o destino da Humanidade. O vasto patrimônio diplomático que continuamos a construir reflete nosso empenho em estreitar uma cooperação em benefício de nossos povos e do mundo. Traduz nossa determinação de continuar a trabalhar para fazer da amizade Brasil-Rússia um elo inquebrantável.

Mais uma vez quero agradecer de coração ao presidente Medvedev, em nome do povo brasileiro, por sua visita ao nosso País. Lamentamos que tenha sido muito rápida. Lamentamos que o presidente Medvedev e sua delegação não possam ficar mais uns dias para desfrutar das belezas do Rio de Janeiro, das belezas da Amazônia, das belezas do Pantanal e, sobretudo, da beleza da nossa capital, Brasília.

Ele, como presidente de um país muito importante, sai daqui muito rápido e vai para a Venezuela fazer uma visita de Estado. E eu saio daqui correndo para ir ao estado de Santa Catarina prestar solidariedade ao povo que vive uma tragédia por conta da quantidade de chuvas nos últimos meses naquele estado. A última informação é de que já são 87 mortos.

De qualquer forma, eu quero dizer ao presidente Medvedev da profunda alegria de poder afirmar ao povo brasileiro que a partir da visita dele ao Brasil, certamente as relações entre Rússia e Brasil serão intensificadas em todas as áreas. Não queremos mais ter uma balança comercial apenas em *commodities*. Nós queremos trocar experiências na área de inteligência, na área de tecnologia, na área de indústria, na área de petróleo. Afinal de contas, essa crise que nasceu no seio dos países ricos é uma oportunidade para que os países em desenvolvimento – que são responsáveis por 75% do crescimento da economia no mundo hoje – não permitam que a crise prejudique o crescimento econômico, a geração de empregos e a distribuição de renda.

Por isso, Rússia e Brasil, junto com outros países, mas sobretudo China e Índia, têm condições de tirar dessa crise não lágrimas, mas oportunidades, e fazer com que as nossas parcerias sejam mais fortes e que o nosso povo



possa sair muito mais forte ao terminar essa crise.

Muito obrigado, presidente Medvedev. Muito obrigado, companheiros da delegação russa.

(\$211A)